



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

O bom fim

Kafka e o caminho para a bem-aventurança

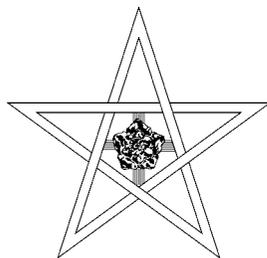
A quarta dimensão

Da ficção científica à realidade

Tema A verdade sobre o eu

OUTUBRO 2009

NÚMERO 5

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

Redação final

P. Huijs

Imagens

I. W. v. d. Brul, G. P. Olsthoorn

Redação

C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthoorn,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I. W. v. d. Brul

Secretaria

C. Bode, G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
pentagram.lr@planet.nl

Edição Brasileira

Lectorium Rosicrucianum

Administração, assinaturas e vendas

Tel: (011) 4016-1817
Fax: (011) 4016-3405
www.editoralrc.com.br

Responsável pela Edição Brasileira

M. D. Eddé de Oliveira

Revisão final

M. R. de Matos Moraes

Tradutores e revisores

A. S. Abdalla, S. P. Cachemaille, I. Duriaux,
M. H. Figueiredo, J. Jesus, A. C. da Mata,
M. S. Sader, U. B. Schmid, M. V. Mesquita
de Sousa, M. B. P. Timóteo, C. H. Vasconcelos.

Diagramação, capa e interior

D. B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.lectoriumrosicrucianum.org.br
livros@lrc.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 31 número 5 2009

O estudo do homem

“O homem dialético é um ser principesco na oninatureza, dotado de imensa força. Todas as possibilidades da natureza dialética podem ser liberadas nele e mediante ele. E essa figura principesca não se deixa destronar facilmente. Pensa-se também freqüentemente, ou quase sempre, que a forma natural seja o verdadeiro homem.”

Com essas palavras de Jan van Rijckenborgh começa a presente edição da revista Pentagrama.

A Doutrina Universal muitas vezes enfatiza o ensinamento que não fala a mesma linguagem do intelecto. A alma aprende em sabedoria; ela aprende em conexão ativa com as vibrações do corpo-vivo. A personalidade mostra como e por que sua natureza inferior, seu foco mental e seu eu são, em primeira instância, um obstáculo. Porém, onde a sabedoria cresce, o eu desaparece. E a natureza inferior e o pensamento servem ao glorioso processo de reversão, transmutação e transfiguração. Esse assunto é especialmente enfocado na parte temática desta revista Pentagrama: a verdade sobre o eu.

Neste número também enfocamos as novas condições atmosféricas, que podem ser de grande ajuda ao homem nesse processo de gênese da consciência.

sumário

o bom fim

j. van rijckenborgh 2

a possibilidade da bem-aventurança 12

a quarta dimensão 18

tema: a verdade sobre o eu

o eu: um buraco negro? 22

o homem não precisa ser seu eu 25

a coragem de conhecer 28

religião: caminho de consciência 32

tudo que é perecível

é apenas alegoria 35

nirvana: suprema vacuidade e fonte de vida 38

atualidade

da ficção científica à realidade 43

Capa:

“O vento sopra onde quer, e ouves sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é renascido do Espírito.” (João 3:8)

foto: © Steve Meyer, Spotsylvania, Virgínia, 2009

o bom fim

O homem dialético é um ser principesco na oninatureza, dotado de imensa força. Todas as possibilidades da natureza dialética podem ser liberadas nele e mediante ele. E essa figura principesca não se deixa destronar facilmente. Pensa-se também freqüentemente, ou quase sempre, que a forma natural seja o verdadeiro homem. E assim, o obreiro hermético encontra em muitos a descrença, o escárnio e a oposição. E justamente por isso, e sem o querer, o homem hermético impele-os, muitas vezes, pelo caminho da morte, pelo infundável caminho das experiências, o caminho do castigo, diante e por meio de amarguras cada vez mais acerbas. Mas, graças a Deus, existem também os que ouvem e compreendem. Esses constituem, juntos, a colheita. E essa colheita forma um grupo que começa a trilhar a senda de baixo para cima. Esse grupo forma uma fraternidade, uma Gnose e um campo de trabalho.

No versículo 60 Pimandro indica as entidades das quais permanece afastado. E esclarece quais as conseqüências que resultam quando, num campo de vida como o nosso, entidades que se prendem à forma natural, portanto a humanidade dialética comum, e as nascidas como almas se encontram no mesmo espaço.

O mundo está povoado por milhões de pessoas, e entre elas desenvolve-se um grupo de seres de natureza gnóstica, grupo que se torna cada vez mais forte e no qual, em certo momento, a luz da alma manifesta-se claramente. Esse fogo anímico e o fogo terrestre rubro-escuro não se toleram. E quando o fogo anímico não pode ser acrisolador, não pode agir para a libertação, ele atua, como diz Pimandro, sempre em sentido punitivo. É por isso que [ele declara a respeito dos insensatos, dos perversos]:

“Abandono-os ao demônio vingador que trata tais homens com o flagelo do fogo que atua em seus sentidos, incitando-os ainda mais a ações ímpias, para que lhes seja imposto castigo ainda maior. A concupiscência desses homens procura constantemente por satisfação cada vez maior, deixando-os enfurecidos nas trevas, sem que fiquem saciados; nisso consiste o seu tormento, e assim a paixão que os queima arde cada vez mais.”

Esse é o caminho da amarga experiência. E talvez já o tenhais experimentado na vida: quem ainda não consegue aprender da amargura deve passar por amarguras cada vez maiores até... sim, até não

poder mais suportar; e o homem, por fim, desse modo abrandado, amadurece para a grande lição. Porquanto, todo esse longo caminho da experiência, esse profundo caminhar nas trevas, não tem outro objetivo senão o de, por fim, fazer triunfar o espírito. Quem compreendeu isso e sabe que o nascimento da alma é o primeiro passo para a salvação pode perguntar-se em que consiste, a seguir, o retorno ao reino da luz do princípio, o caminho ascendente para a vida original. Os versículos 62 a 65 do livro *Pimandro* respondem a esta pergunta. (Vide box 1 na página 4)

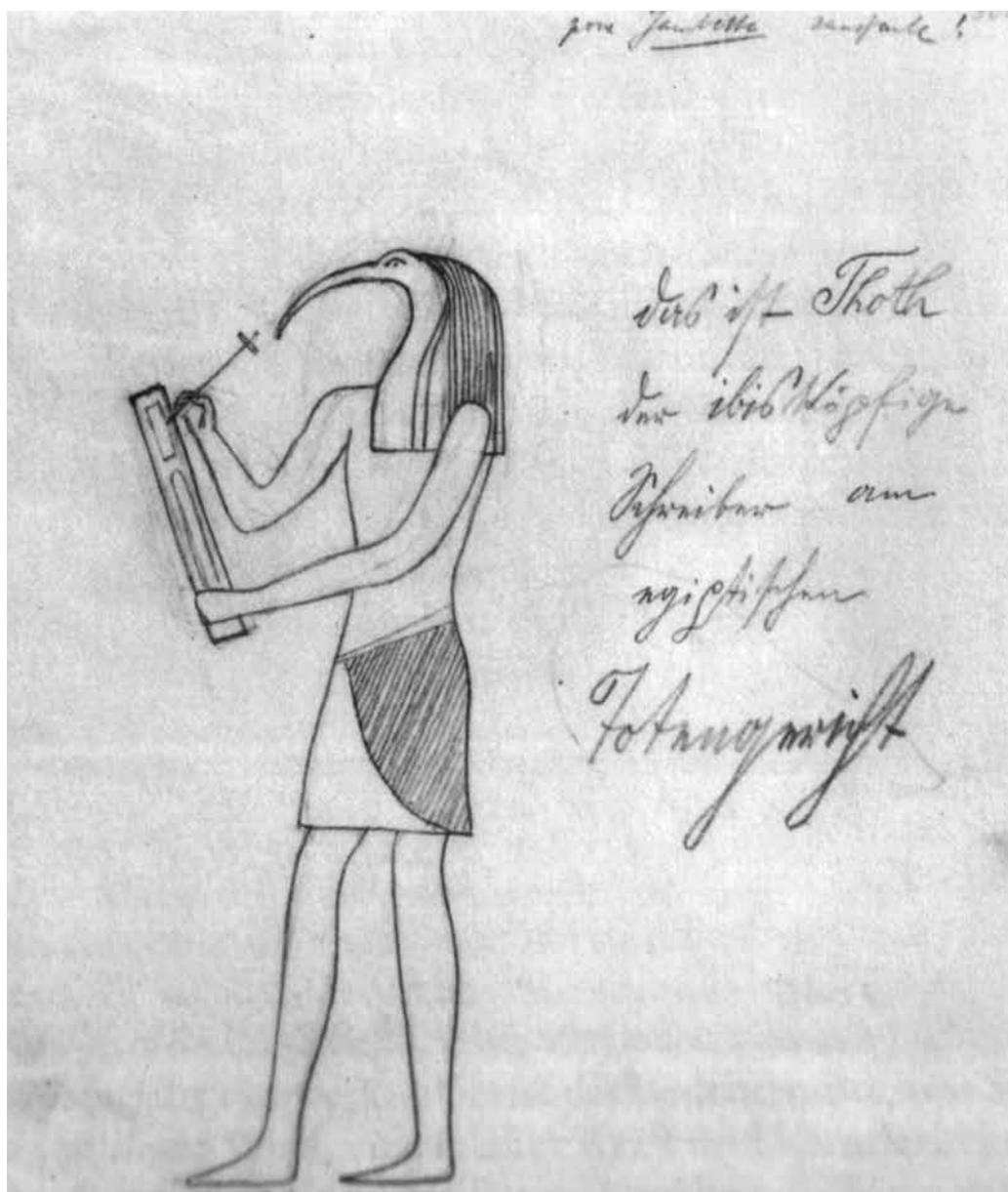
Tendo nascido a alma e se desenvolvido a figura anímica, o corpo anímico, a antiga forma natural desaparece. Ela se dissolve, por assim dizer. Mas, exatamente como acontece na morte comum do corpo material, também nesse processo a forma natural não desaparece de repente. Quando a alma nasceu e é tecida a veste áurea nupcial, o antigo corpo, nascido da natureza da morte, diminui em força e, em certo momento, desaparece do campo visual; a esse duplo processo denominamos transfiguração. No entanto, repetimos, apesar de a forma natural ter desaparecido, as suas forças permanecem por um tempo. E também elas, que inicialmente causaram a formação, o nascimento e a conservação da forma natural, precisam desaparecer, precisam ser neutralizadas, dissolvidas e remetidas para sua origem.

Já falamos antes acerca do “anel-não-mais-além”, como o denomina a Doutrina Universal. Essa circunferência limite refere-se ao microcosmo.

Em uma série de artigos com esse nome, desejamos deixar Hermes falar, assim como J. van Rijckenborgh fez para seus alunos nos comentários sobre o *Corpus Hermeticum*. Hermes é o homem nascido da natureza que, no caminho de libertação da nova alma, permitiu seu despertar e, continuando a trabalhar, está a caminho de tecer a veste áurea nupcial. Nesse caminho, num momento crucial, revela-se a nova consciência, ou a consciência hermética. Assim que essa nova consciência opera, surge “Pimandro”, a sabedoria onipresente de Deus, “o Verbo do princípio”.



J. van Rijckenborgh



Toth (Hermes).
Século 19.
Desenho a lápis.
Oskar Parizza

Pimandro, versículos 62 a 65

No processo de dissolução do corpo material, primeiro esse corpo é entregue à transformação, e a forma que possuíste não é mais vista. Entregas ao demônio o teu eu comum, que daí em diante está fora de atividade; os sentidos corporais retornam à sua origem, da qual voltam a fazer parte, identificando-se novamente com a atividade dessa origem, enquanto as forças dos instintos e desejos regressam à natureza irracional.

E o homem prossegue ascendendo por meio da força que interliga as esferas; ao primeiro círculo cede a força para crescer e diminuir; ao segundo círculo entrega a tendência para a malícia e a astúcia, que se tornou impotente; ao terceiro círculo abandona a ilusão dos desejos doravante impotentes; ao quarto círculo abandona a prepotência da obsessão pelo poder, que já não pode ser satisfeita; ao quinto círculo, a audácia ímpia e a temeridade brutal; ao sexto círculo abandona o apego à riqueza, doravante sem efeito; e ao sétimo círculo abandona a mentira sempre ardilosa.

E quando se livrou de tudo o que proveio da força que interliga as esferas, ingressa na oitava natureza de posse apenas de sua própria força e canta, com todos que lá estão, hinos de louvor ao Pai; e todos se regozijam com ele pela sua presença. Quando se tornou semelhante a eles, ouve hinos de louvor a Deus, cantados por certas forças que se encontram acima da oitava natureza. Depois eles sobem para o Pai em ordem correta, rendem-se às forças e, por seu turno, convertidos em forças, entram em Deus. Eis aqui o bom fim para os que possuem a Gnose: tornam-se Deus.

No ser aural, que é o sistema magnético do microcosmo, estão presentes sete círculos, sete esferas magnéticas que estão em correspondência com os sete domínios intercósmicos. Cada uma dessas sete esferas magnéticas subdivide-se, por sua vez, em sete aspectos. E assim podemos verificar no ser aural quarenta e nove aspectos magnéticos, quarenta e nove diferenciações magnéticas. Quando, pois, o homem-alma nasce e cresce e os estados magnéticos do sexto domínio cósmico são vivificados e, por conseguinte, o respectivo firmamento magnético começa a resplandecer, a sétima esfera magnética é neutralizada; ela, no exato sentido da palavra, é extinta, é posta fora de uso. Isso não é descrito unicamente no *Pimandro*, de Hermes, mas também no evangelho *Pistis Sophia*, onde é descrita a viagem do homem-alma através dos sete aspectos da sétima região cósmica, a sétima esfera magnética. Nessa sétima esfera ele abandona todas as forças do antigo estado de vida, estado esse dissolvido e tornado invisível.

E assim, finalmente, livre do passado, ele atinge a chamada oitava esfera, isto é, a primeira esfera da sexta região cósmica, esfera freqüentemente denominada pelos antigos como a oitava e, na terminologia da jovem Gnose, “Cabeça Áurea”. Nesse domínio da vida liberta ele ascende perfeitamente em sua nova força própria. Por isso diz o versículo 65:

“E, tornando-se semelhante a eles, ouve também hinos de louvor a Deus cantados por certas forças que se encontram acima da oitava natureza.”

Essa percepção, esse novo ouvir, nada tem a ver com clariaudiência. É o ouvir ao qual também a antiga filosofia chinesa faz menção. Quando a luz da Gnose toca um homem, penetra-o e

começa a circular nele, ela não influencia apenas a visão, mas também a audição; é o ver e o ouvir do recém-nascido homem-alma. E assim como esse homem em certo momento vê Pimandro, também em certo momento começa a ouvi-lo. É evidente que o irmão ou a irmã que alcança a Cabeça Áurea está equipado, segundo a alma, com novos sentidos. Por conseguinte, o homem-alma ouve também as forças que estão acima da oitava natureza cantar hinos de louvor a Deus. Assim, ele prossegue, elevando-se em direção a todas as forças do novo estado de vida. E finalmente ele entra em Deus.

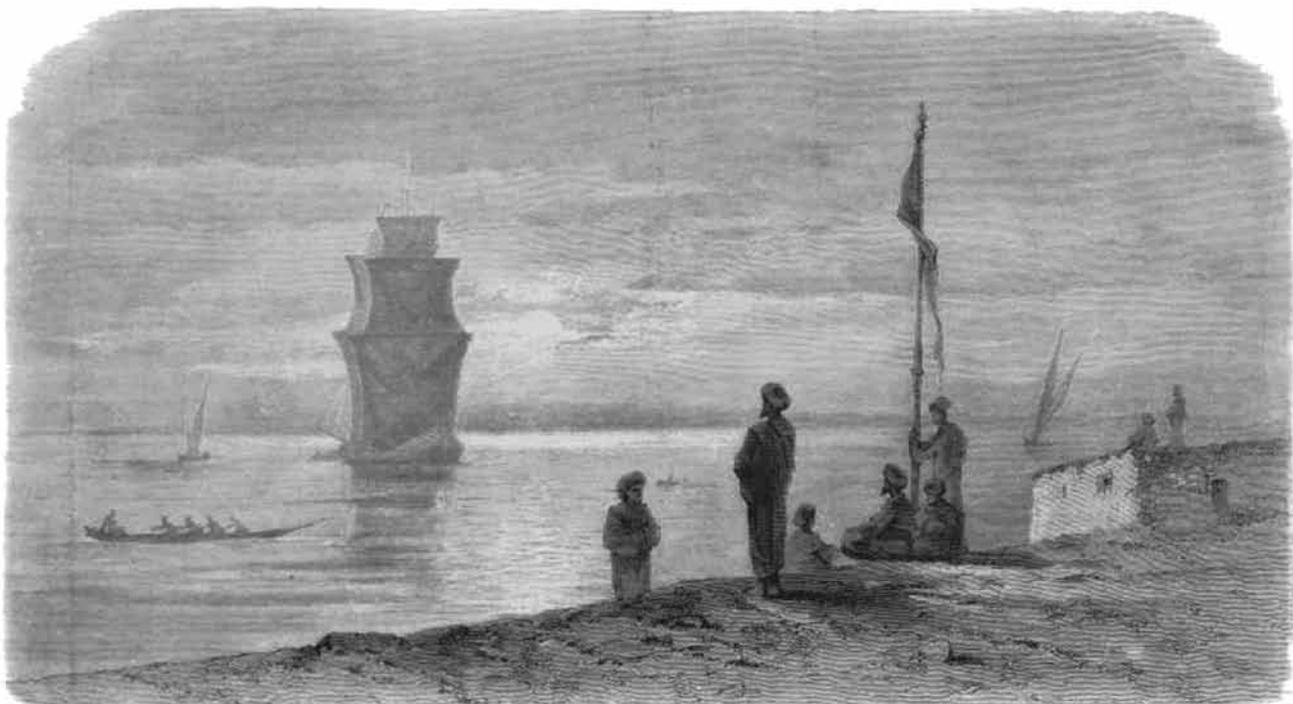
Este é o *bom fim para os que possuem a Gnose*, o verdadeiro conhecimento de Deus: *eles se tornam deuses*. Esse ponto da realização é sempre indicado na Gnose como “o bom fim”. Quando os antigos cátaros se congregavam em seus serviços, então um desejava ao outro: “Queira Deus te conduzir

ao bom fim!” E quando num ritual gnóstico se diz “esperamos e oramos que tudo possamos levar a um bom fim”, podemos, doravante, compreendê-lo perfeitamente. O bom fim no novo estado de vida é, ao mesmo tempo, um novo e glorioso começo. Desse modo, o homem hermético é instruído no grande processo de retorno, do qual ele mesmo participa, no qual ele diligencia, passo a passo, para tudo conduzir a um bom fim. Suponhamos, uma vez mais, caro leitor, que tenhais ingressado nesse processo; que destes o primeiro passo para a realização do renascimento da alma. Então, a palavra de Pimandro se dirige também a vós, assim como a Hermes, no versículo 66: “Mas... por que hesitas, então? Tu, que tudo recebeste de mim, não vais aos que são dignos disso, para servir-lhes de guia, a fim de que, graças à tua intervenção, o gênero humano possa ser salvo por Deus?”

ESTA É A CARACTERÍSTICA a que se deve prestar atenção: quem se tornou um homem nascido como alma, um homem hermético, já não pode estar inativo na universalidade dos fatos. É totalmente impossível que semelhante homem possa assistir, passivamente, durante anos, como os outros são ativos. Quando alguém, de mãos ociosas e apenas com olhares de crítica, assiste como outros realizam o trabalho a serviço da Gnose, pode-se estar absolutamente certo de que esse alguém não é um homem nascido como alma. Isso é impossível. Ele pode, talvez, possuir uma idéia do reino interior; é possível que ex-

perimente a presença desse reino, mas ele ficou no imobilismo. Tal homem chegou a um beco sem saída no engodo ocultista ou místico e deleita-se na própria ilusão. Ele é fervoroso em manter presa pelo eu a sua descoberta interior. Na literatura mundial encontramos a descrição de uma série de homens semelhantes; homens que, no verdadeiro sentido da palavra, podem ser considerados “jovens ricos”. Eles estão carregados de tesouros, mas nada mais fazem do que se deleitarem nesses tesouros com o seu pensamento egocêntrico. Às vezes escrevem grossos livros acerca desses tesouros. O conteúdo, nos casos

mais favoráveis, consta de um trabalho mais ou menos expressivo, com uma centelhazinha da Gnose primordial brilhando aqui ou ali. E afora isso, o resto é puramente contemplativo, invencionice egocêntrica, muitas vezes combinada muito inteligentemente e imaginada de modo muito sutil. Mas que utilidade tem isso do ponto de vista da libertação da humanidade? E é justamente disto que se trata: para podermos salvar almas humanas, precisamos pôr mãos à obra e de mangas arregaçadas caminhar para a ação e, se necessário for, estar preparados para caminhar através da lama.



E mais adiante no versículo 67:

“E eu, agora revestido de força e instruído quanto à natureza do Universo e da sublime visão, agradei e enalteci o Pai de todas as coisas. Então comecei a pregar aos homens a beleza da vida dirigida a Deus e à Gnose.” [...]

O homem-alma, o homem que é guiado por Pimandro, sabe que a quantidade de ceifeiros é muito pequena e que neste campo sempre há falta de mão-de-obra. Ele também sabe dos grandes perigos que ameaçam a humanidade, os perigos da desmaterialização negativa, os perigos do declínio, do caminho das profundas experiências dolorosas que conduzem a amarguras ainda maiores.

A Gnose trabalha *sempre* para a salvação da humanidade, seja para uma ressurreição, isto é, para uma salvação imediata, seja para uma queda, isto é, uma salvação num futuro distante. Contudo, por isso mesmo nenhum irmão ou irmã gnóstico desejará para alguém essa queda, dizendo: “Declina sossegadamente, então, e aprende por meio de amargas experiências!” No entanto, o coração amoroso não pode desistir de esperar, desde o imo de seu ser, que possa ser de outro modo! Por isso, um homem nascido como alma não

fica impassível, contemplando como as coisas se desenvolvem e como outro, talvez, tire as castanhas do fogo, porém ele se dirige decididamente para o trabalho e participa da santa obra. Por isso a característica de um homem nascido como alma é sempre e inexoravelmente uma vida ativa a serviço da Gnose, seja de que maneira for, sem pausa e com todas as forças.

Eis por que também no fim do primeiro livro do *Corpus Hermeticum* essa consequência, que vale para todas as entidades anímicas, é esclarecida com pormenores nos versículos 68 a 71. Neles descobrimos os conhecidos aspectos no trabalho da vinha. Por isso Hermes precisa falar aos povos (versículo 69):

“Libertai-vos da luz tenebrosa e tornai-vos partícipes da imortalidade, afastando-vos definitivamente da corrupção.”

Isso, porém, os homens não desejam nem tampouco compreendem, porque pensam que a luz tenebrosa seja a verdadeira luz. Quando alguém chega a descobrir que é possuidor de um reino interior e possui uma vida fortemente egocêntrica, como há pouco descrevemos, e como um “jovem rico” cultiva os seus tesouros negativamente,

Libertai-vos da luz tenebrosa e tornai-vos partícipes da imortalidade, afastando-vos definitivamente da corrupção

torna-se muito zangado quando vamos a ele e lhe dizemos: “Vossa atitude de vida é inútil, estais entregues a uma ilusão”. Aludimos a isso, como já fizemos muitas vezes, porque isso vos força a um auto-exame e porque desejamos conduzir-vos a uma vida de autodescoberta.

“Libertai-vos da luz tenebrosa e tornai-vos partícipes da imortalidade, afastando-vos definitivamente da corrupção.”

Essas palavras do amor libertador, palavras da sempre dinâmica Gnose, não são aceitas e talvez nem sequer compreendidas, porque se pensa que a luz tenebrosa seja a verdadeira luz.

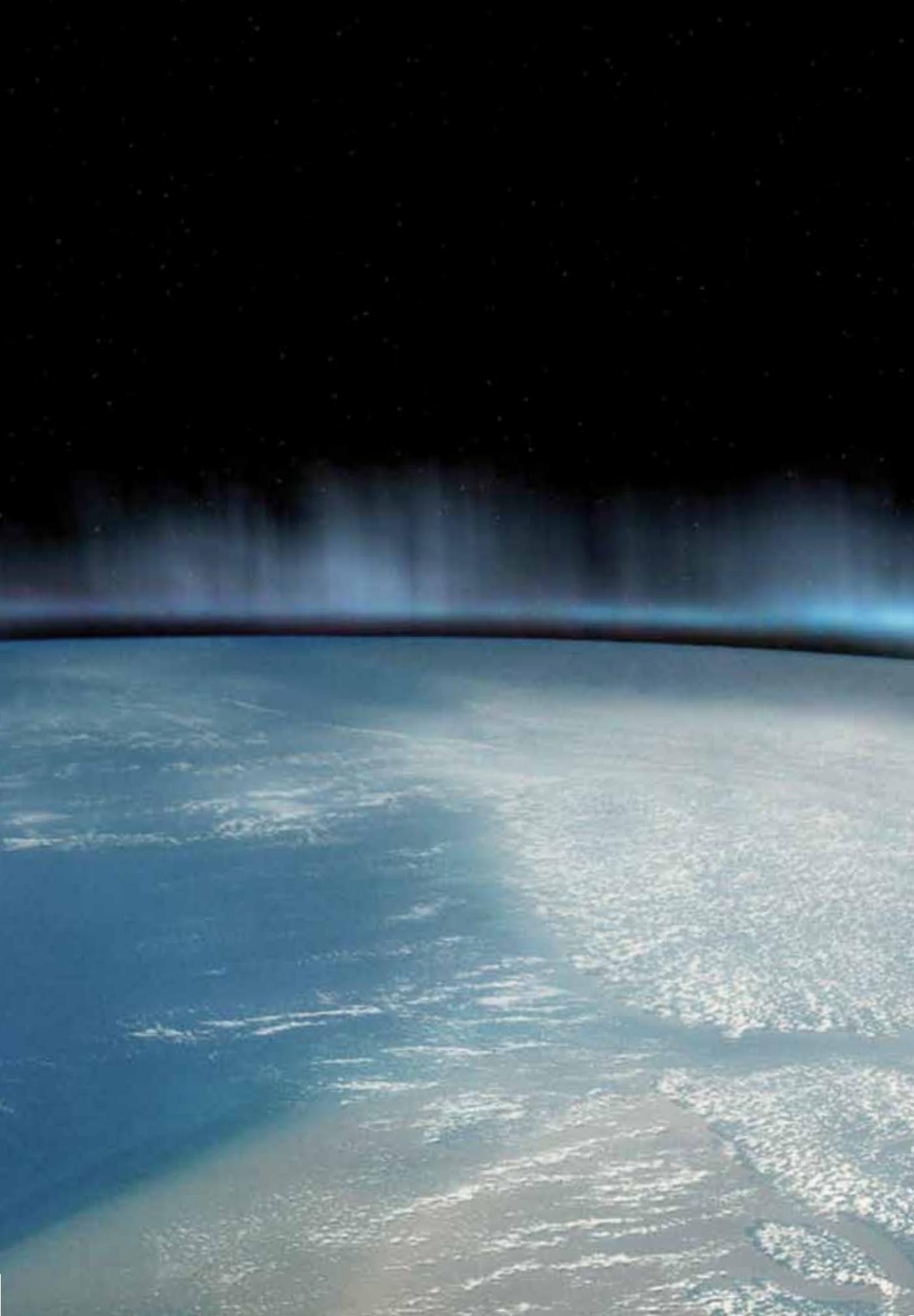
O homem dialético é um ser principesco na oninatureza, dotado de imensa força. Todas as possibilidades da natureza dialética podem ser liberadas nele e mediante ele. E essa figura principesca não se deixa destronar facilmente. Pensa-se também freqüentemente, ou quase sempre, que a forma natural seja o verdadeiro homem. E assim, o obreiro hermético encontra em muitos a descrença, o escárnio e a oposição. E justamente por isso e sem o querer, o homem hermético impele-os, muitas vezes, pelo caminho da morte, pelo infindável caminho das experiências, o caminho do castigo, diante de e por meio de amarguras cada vez mais acerbas. Mas, graças a Deus, existem também os que ouvem e compreendem. Esses constituem, juntos, a colheita. E essa colheita forma um grupo que começa a trilhar a senda de baixo para cima. Esse grupo forma uma fraternidade, uma Gnose e um campo de trabalho. E desse modo cresce um campo de irradiação magnético gnóstico, um corpo-vivo, que se torna sétuplo e irrompe em direção ao espaço da

plenitude divina. E mediante todo esse trabalho de muitos, por muitos e para muitos, cada obreiro-alma aprende todas as vias, todos os recursos que podem conduzir à vitória. Finalmente, todos são mergulhados no elixir da sabedoria, na água da verdadeira vida.

Assim se patenteia que tudo isso é perfeitamente conhecido para os participantes da jovem Gnose. Todos vós fostes acolhidos num grupo e formais, em conjunto, uma fraternidade hermética. E a Gnose original, testemunhando há milhares de anos no *Pimandro*, de Hermes, revela-se nos dias atuais em seus mínimos detalhes, na jovem Gnose. E também avançamos, de força em força, até o triunfo certo, na pressuposição de que o aluno segue conosco e assume as conseqüências; porque apenas assim o discipulado de uma escola gnóstica tem sentido. O discipulado com a negação das conseqüências somente gera perigos, porque o aluno, por efeito da autoconfissão negativa, seguirá, inevitavelmente, o caminho da amargura sempre crescente: o caminho da morte, como o denomina *Pimandro*.

Vejamos, por fim, o versículo 71:

“Vindo o anoitecer, e tendo quase desaparecido a luz do sol, exortei-os a render graças a Deus. Tendo-o feito, todos retomaram aos seus lares.” O grupo voltado para a Gnose deve formar um todo coerente no tocante à alma, um todo que permanece intacto, onde quer que seus componentes possam encontrar-se. Um grupo de homens nascidos como alma, ainda que esparsos pelo mundo, forma uma comunidade vivente, por efeito do milagre da força da alma. [...] É justamente isso que se torna o aspecto libertador ✪



A cosmic scene featuring a bright blue light streak or nebula-like structure against a dark, starry background. Below the light, a glowing horizon or surface is visible, suggesting a celestial body or a distant galaxy. The overall atmosphere is ethereal and mysterious.

O ser-alma humano possui três princípios fundamentais: consciência, fluido nervoso e sangue. A hierarquia de Cristo busca influenciar o ser anímico no sentido da libertação, mediante seu misterioso impulso atmosférico.

J. v. Rijckenborgh, C. de Petri, *O novo sinal*, capítulo XII

- ✧ O planalto de Gizé:
mistério do universo sobre a terra
- ✧ Os egípcios davam às pirâmides o nome de “A Luz”
- ✧ Seus construtores, sacerdotes e magos, tinham um
único objetivo: “tornar-se seres de grandes asas”





a possibilidade da bem-aventurança

O escritor Franz Kafka (Praga, 1883 - Viena, 1924) fala das coisas habituais de maneira não-habitual. Seus contos são perturbadores, pois mostram o que é limitado e vulgar no ser humano. Mas esse autor, que morreu jovem, também tem outro lado notável, geralmente desconhecido, para qualquer pessoa que se considera buscadora da verdade.

A julgar por seu diário e suas cartas, parece que a maldade, a estupidez e a insensatez do mundo faziam-no sofrer até o ódio e a aniquilação. Franz Kafka aspirava infatigavelmente por reconhecimento e por amor sem encontrá-los, e em relação às forças invisíveis seu sentimento de culpa era quase um delírio de perseguição. Sentia também que a realidade era fundamentalmente incerta, sem garantias, podendo até mesmo desmoronar. Embora permanecesse em sua profissão e entre seus amigos, ele morreu jovem de tuberculose, o que talvez fosse um símbolo, pois, naquela época, essa doença era chamada consumpção.

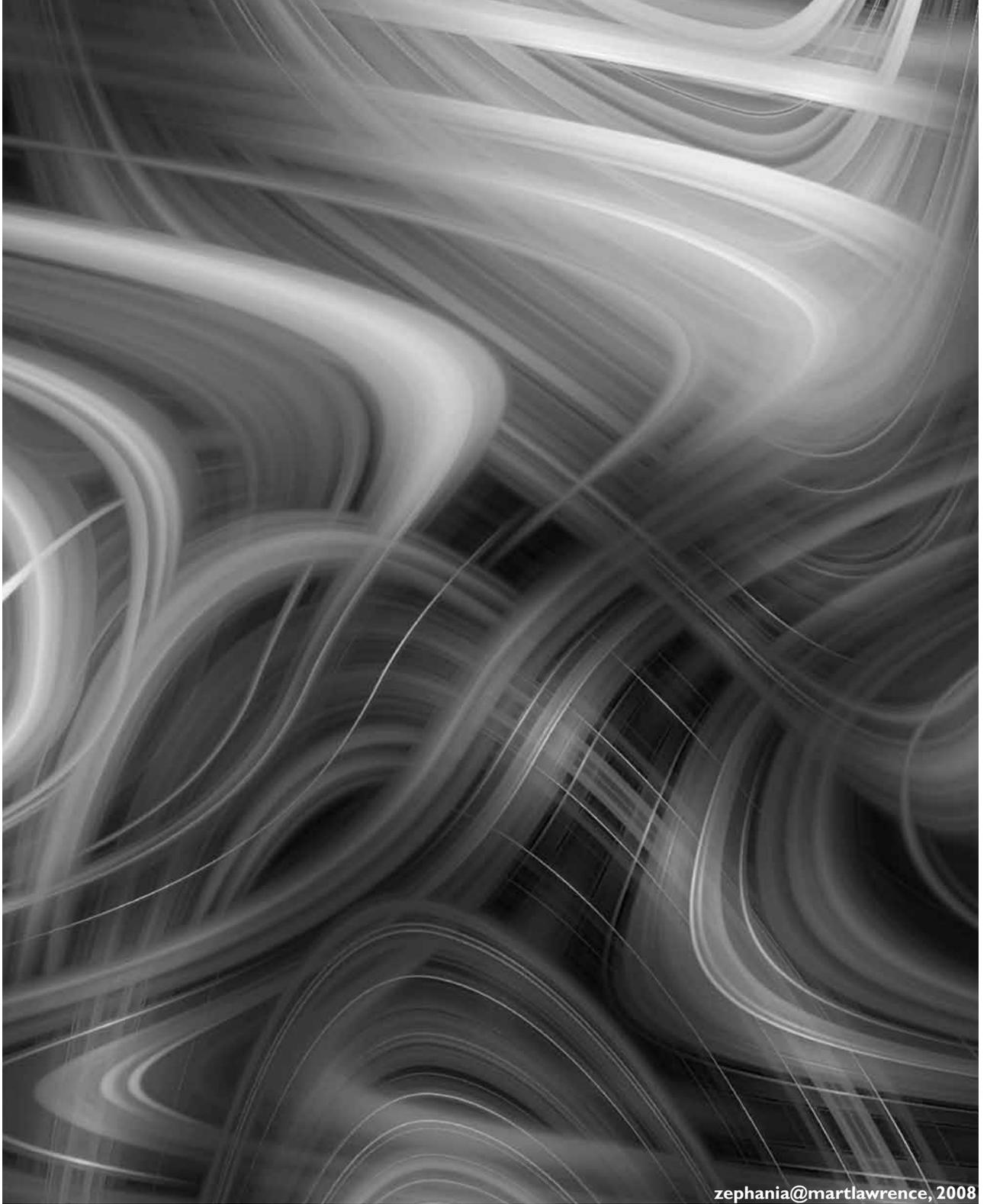
Em seus romances e contos, ele exprime o que sente: o mundo é incerto, insondável e hostil para o indivíduo, cheio de organizações poderosas com seus funcionários, que vivem evidentemente para seus empregadores. Se, como autor, Kafka é tão apreciado, isso se deve ao fato de ele, assim como um sismógrafo, registrar sempre o estado de espírito e o estilo de vida de muitas pessoas modernas.

Mas existe outro Kafka além dessa sombria figura. Nos cento e dez aforismos *Considerações sobre o pecado, o sofrimento, a esperança e o verdadeiro caminho*, encontramos um Kafka positivo, em geral completamente desconhecido. É evidente que ele viveu experiências familiares a todos os buscadores. Ele escreve que esses aforismos resultam de uma visão particularmente

clara. Neles, ele fala sempre do que é infalível no homem. É claro que ele mesmo viveu essa verdade. O aforismo 17, por exemplo, afirma: “É um lugar em que nunca tinha estado, com uma respiração diferente, onde irradia uma estrela mais deslumbrante que o sol”.

Kafka havia alcançado uma estrela, uma luz de uma dimensão totalmente diferente, que irradiava mais clara que as mais poderosas luzes do mundo das aparências – as quais sempre se aniquilam. O que não pode desaparecer é inatacável, tudo o que aparece nas mais secretas profundezas do ser humano, o que constitui o fundamento da sua vida, tudo isso pode permanecer desconhecido para ele. Também o aforismo 50 declara: “O homem não pode viver sem uma confiança constante em algo que seria imperecível em si, porque dessa forma tanto o imperecível como a confiança lhe permaneceriam ocultos”.

Por que isso permanece sempre escondido? Porque é necessário que se encontrem “os meios de expressão”, enquanto nos prendemos às coisas que não tem coerência de forma alguma. Daí o aforismo: “Um dos meios de expressão desse aspecto escondido é a fé num deus pessoal”. O ser humano projeta para fora de si o que tem de mais interior, e cria circunstâncias externas das quais espera salvação. Para experimentar a alma imortal nele, seria melhor que afastasse suas projeções e finalmente as dissolvesse.



zephania@martlawrence, 2008

Ele deveria parar de se prender a representações exteriores. Então o interior, o intocável, poderia se manifestar e poderia ser observado. Nietzsche afirma: “Deus está morto”. Sim, pois o homem está em condição de aniquilar todas as representações de um deus exterior ao qual se agarra. É apenas quando encontramos Deus

interiormente, o incorruptível, que nos libertamos. E uma vez mais: “O homem não pode viver sem uma confiança constante em algo que seria imperecível em si, porque dessa forma tanto o imperecível como a confiança lhe permaneceriam ocultos”. A condição essencial para que o exterior possa juntar-se ao interior é o



Praga.
A casa de Kafka

desejo de experimentar o interior.

Aforismo 16: “Uma gaiola ia à procura de seu pássaro”. Não podemos fugir dessa linguagem figurada: enquanto ego, somos a gaiola do livre e imperecível pássaro que reside em nós. Mas, esse pássaro, não o vemos ainda. Ele pertence a uma dimensão diferente do mundo da gaiola. Para quem deseja ver esse pássaro, há um único meio, que é encontrar-se suficientemente forte para ir à procura do único objetivo: tornar-se esse pássaro. Aspiramos ao que é imortal em nós: a essência mesma de nossa identidade, esse pássaro livre que impedimos de se expandir – esse pássaro do qual não somos nem mesmo conscientes. E, contudo, sem o desejo da gaiola por seu pássaro, jamais poderíamos encontrar o incorruptível. No entanto, graças ao nosso desejo, podemos aproximar-nos dele gradualmente. Como? O aforismo 27 nos revela numa bela fórmula: “Se somos obrigados a agir sempre de maneira negativa, é-nos possibilitado agir positivamente”.

O que é positivo, incorruptível, existe em nós interiormente. Em geral não o percebemos. Por quê? As preocupações diárias às quais consagramos toda a nossa energia nos cegam; ou mesmo nossa crença num deus pessoal ou geralmente em agentes ou salvadores externos. Esperamos, veneramos e mantemos o socorro vivo com toda a energia da nossa alma. Cabe-nos então reconhecer e afastar de nosso caminho todas as ilusões, com as esperanças e angústias resultantes. Agir negativamente está na nossa natureza; renunciar a essa atitude libera em nós o

que há de positivo, e isso nos é possível porque, em contrapartida, o positivo nos é ofertado. O incorruptível torna-se, então, consciente e ativo em nós se nos desembaraçamos de tudo o que o obstrui.

A fórmula que conduz à realização é então a seguinte: “mesmo que sejamos obrigados a agir sempre de maneira negativa, é-nos, contudo, possibilitado agir positivamente”. Desembaraçar-nos de todo o negativo e de todos os obstáculos que são nossas esperanças e medos ilusórios é algo como o trabalho de Sísifo, obrigado a empurrar até o topo da montanha uma pedra enorme, que sempre rola para baixo novamente. cremos ter nos desembaraçado da ilusão e da angústia, e eis que elas reaparecem de repente, aparentemente tão fortes quanto antes. Parecem dissipadas, no entanto apresentam-se de outra forma e exigem toda a nossa atenção!

Aforismo 15: “É como uma rua no outono: mal é limpa e outra vez está recoberta de folhas”. É verdade, mas esse exemplo não é completamente convincente. Porque, embora certos lugares sejam varridos e novos obstáculos emergjam, trata-se, no entanto, de folhas mortas privadas de força vital e de direito à existência. E, sobretudo, chega o momento em que a árvore perdeu todas as folhas, e já não há necessidade de varrer. E, então, o certo e o intangível, o puro e o sublime passam a agir na alma de maneira consciente. Outro aspecto dessa limpeza acontece na vida diária, nas situações mais inesperadas. As ilusões e as angústias podem emergir a qualquer momento. Nem sempre se trata de

O escritor Franz Kafka fala das coisas habituais de maneira não-habitual. Com seus contos disruptivos, ele tenta mostrar o limitado ponto em que o homem se encontra, e que se origina de seu medo do desconhecido. Em seu conto mais famoso, *A metamorfose*, ele mostra o caixairo-viajante Gregor Samsa transformado num monstruoso inseto do tamanho de um homem. Todos repelem imediatamente o infeliz. Esse simples conto intriga. Quem é culpado? Como reagiremos nesse caso à vida cotidiana?

Em Kafka, os principais personagens procuram oportunidades que lhes escapam devido a seus próprios limites, enquanto são moídos pela burocracia e esmagados sob o peso

de suas incertezas. Seus contos são mais opressivos que dinâmicos e não apresentam nem saídas nem soluções. Mas incitam-nos a refletir sobre a mediocridade na qual encerramos nossas vidas, alimentando o tipo de ambição compartilhado por todos, conduzindo-nos de maneira supostamente conveniente. Mas o desejo de liberdade, o desejo de uma vida mais grandiosa permanece sempre. Se dermos atenção a esses estímulos e escolhermos aderir a eles, os escritos de Kafka podem realmente indicar-nos a boa direção.

Consideramos Kafka como o escritor de língua alemã mais importante do século 20. Suas obras mais conhecidas são: *O processo*, *O castelo*, *A metamorfose*.

terríveis tensões que pedem esforços heróicos, ou de coragem para enfrentar grandes golpes do destino. A companhia diária de certas pessoas, as atitudes para com as coisas e situações representam todas as lições que necessitamos aprender. Aforismo 1: “O verdadeiro caminho segue uma linha que não ascende às alturas, mas permanece no rés-do-chão. Parece destinado mais a nos fazer tropeçar que avançar”. A vida é essa linha que segue o verdadeiro caminho. O buscador aspirante a uma vida grandiosa tropeça a cada passo e cai, fraco, no solo. Mas é assim que reconhece suas ilusões e as suas angústias. Durante essa limpeza, oscila entre remorso e amor-próprio; ora, esses dois sentimentos obstaculizam-no igualmente. Com frequência ele tem a impressão de não progredir e de não ter atingido nada. Ele recorre à crítica e considera que fracassa de modo lastimável.

Aforismo 42: “Baixa tua cabeça cheia de aversão e ódio”. O pesquisador penetrado de aversão e ódio de si mesmo pode também cair no orgulho e na arbitrariedade de sua vontade pessoal. No entanto, alguns resultados são possíveis: pequenas ou grandes percepções de seu próprio estado de espírito dão-lhe a impressão de progredir um pouco no caminho. O perfil do pássaro em sua gaiola começa a esboçar-se, bem como a consciência de certa proximidade do incorruptível nele. O pesquisador orgulha-se de seu trabalho e do que alcançou. A dúvida, no entanto, a dúvida corretora, aparece.

Aforismo 37: “A pretensão de possuir talvez um patrimônio está errada, não é senão

estremecimentos e palpitações do coração”. Todos os progressos bem como os resultados da introspecção formam um belo patrimônio de que se pode orgulhar. Mas qual é a utilidade, de que ajuda são os conhecimentos e os progressos externos se não modificarmos nada dentro de nós mesmos? Se não se concretiza o “ser autêntico”, o incorruptível? Felizmente, a inquietude corrige o orgulho do que foi adquirido: apesar dos esforços, não há mudança nas profundezas e apenas houve acúmulo de conhecimento. O que é decisivo é o “verdadeiro ser”, e não a aquisição de conhecimentos.

Todo esse trabalho foi feito para nada? Essa pergunta causa estremecimentos e faz palpitar o coração. Ora, é bom que esse questionamento corretor acompanhe-nos ao longo de todo o caminho. Terei eu verdadeiramente mudado? O incorruptível opera reconhecidamente em meu interior? Não serão “estremecimentos e palpitações do coração”? Mas qualquer ação do buscador faz nascer outra vez conceitos sobre ele mesmo e sobre a vida. Ele observa, por exemplo, que sua existência, seus pensamentos, sentimentos, vontades, atos e gestos não correspondem ao incorruptível, ao imortal nele, esse lugar onde irradia uma estrela mais brilhante que o sol. Comparada com essa luz, sua vida diária comum é apenas trevas, trevas insuportáveis e tão sombrias que dão vontade de morrer. A antiga vida já não é suportável, e o outro não está a seu alcance. Ele despreza-se por não querer morrer interiormente; questiona se a velha prisão que detesta não se transformará numa nova prisão da

O incorruptível é um; está em cada indivíduo e em todos porque é a relação indestrutível entre todos

qual terá também ódio. Um pequeno resquício de fé trabalha, no entanto, e no decorrer do percurso, chega o mestre no caminho, que olha os prisioneiros passar e diz: “Este aqui, não o coloque na cela, ele vem comigo” (Aforismo 13). De acordo com os budistas isso significaria a entrada no intangível, no nirvana, a elevação acima da roda do nascimento e da morte, a libertação da lei da reencarnação. Quem compreende que tudo nesta terra é efêmero despede-se desta vida, morre para seu orgulho e para tudo que esperava do seu ser natural. Então, ele entra no reino imutável. Ele já não se envergonha de não ter querido morrer dessa morte interior voluntária, como Kafka a descreve, e de ter suplicado para chegar a condições diferentes de vida. No lugar das trevas, a luz aparece progressivamente.

O mestre examina os prisioneiros: um deles sente-se chamado e vê a possibilidade de já não estar preso num corpo e de deixar de ser prisioneiro do mundo mortal.

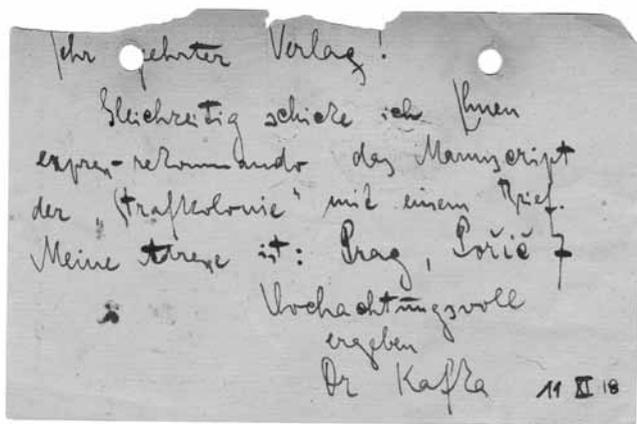
Tais considerações vêm ao espírito do buscador como tantas outras experiências interiores quando ele aprende a seguir o fio do verdadeiro caminho. Ele não tem conhecimentos a adquirir, nem grandes esforços de meditação a fazer, nenhuma doutrina e nenhum dogma aos quais se prender.

No aforismo 78 lemos: “Difícilmente o espírito do buscador é livre para deixar de ser o seu próprio ponto de apoio”. Se sua consciência se agarrar às suas antigas experiências e teorias para estar bem na vida, ele se vê impedido assim de

trabalhar e elaborar interiormente o que é novo. É melhor tudo abandonar para que o Espírito nos penetre e nos modifique. Deixemos o Espírito livre para agir e trabalhar, pois apenas assim o incorruptível pode agir. Se tivermos êxito em renunciar a tudo, observaremos que o Espírito, o incorruptível, nos leva. Sempre predomina em nós o medo de desaparecer no nada se abandonarmos nossos dogmas e crenças, medo comparável ao do homem que não sabe nadar e entra na água. Se tivermos confiança em que a água tem a capacidade de nos levar e que saberemos reagir da maneira certa, de repente nos poremos a nadar e sentiremos que a água nos leva: sensação maravilhosa.

O aforismo 76 afirma: “Sinto que não vou lançar a âncora aqui, e imediatamente sinto-me cercado por ondas agitadas que me levam!” Logo que tivermos êxito em não querer agarrar-nos ao incorruptível, nem lançar a âncora, nem procurar qualquer apoio, mas deixar o Espírito agir livremente, experimentaremos que ele nos leva, que nos cerca como uma onda em que nadamos. O maior obstáculo nesse caminho é querer aposar-se do incorruptível por medo de desaparecer no vazio.

Aforismo 2: “Todos os erros humanos provêm da impaciência, de sempre se interromper prematuramente o que é fundamental, de querer reter a aparência do que é aparente”. A impaciência é a tendência de procurar uma certeza naquilo que é apenas temporário, de esperar ser liberto por algo aparente: um dogma, uma ilusão, a fé, um homem-deus, a ciência, uma ideologia, a força,



Nota manuscrita de Kafka a seu editor,
19 de novembro de 1918

a tentativa de querer reter todas essas coisas aparentes. Nunca temos realmente a paciência de deixar o incorruptível elaborar e realizar seu plano. Em nossa impaciência, apressamo-nos, perturbando, assim, o desenvolvimento previsto e fazendo desaparecer “o incorruptível”.

Contra esse erro eleva-se o Aforismo 69:

“Teoricamente, existe a total possibilidade de bem-aventurança: crer interiormente no incorruptível, e isso sem esforço”. Uma possibilidade total de bem-aventurança, sem querer, impacientemente, apreender o inapreensível, manipulá-lo por certas técnicas, forçar o Espírito – como se fosse possível – a tornar-se seu próprio ponto de apoio. Ao invés disso, permanecer completamente aberto “ao incorruptível” e sua ação, sem procurar manobrar, mas sentir-se levar como por um rio. Esse Aforismo denota a pureza inalterável de Kafka sobre o assunto. Ele sabe que a possibilidade de bem-aventurança é teórica e prematura. Como, com efeito, arrancar-se do solo cinzento e cessar todo medo e impaciência? Entretanto, quem percebe essa possível felicidade vai progressivamente criar um espaço livre e renunciar à impaciência. Então a felicidade será realmente possível na prática: será suficiente “crer interiormente no incorruptível, e isso sem esforço”.

Essas experiências de Kafka lançam uma nova luz sobre os seus provérbios. É claro que ele não só queria expressar a falta de perspectivas da existência, sua insignificância e o sentimento de culpa. Pelo contrário, Kafka liberta-nos pela análise que faz dessas “coisas aparentes”:

as certezas da fé e as mentiras da vida que ele desmascara.

Está claro que ele não quis apenas traduzir a ausência de perspectiva que nossa existência oferece, nosso sentimento de culpa bem como a insignificância deste mundo. Ao invés disso, incita-nos a descobrir e analisar o surgimento de tudo aqui em baixo. Kafka o faz porque encontrou o ponto onde Arquimedes colocava sua alavanca fora do transitório para levantar o mundo: “no incorruptível e inviolável”. Desse ponto de vista, a obra de Kafka liberta-nos da ilusão de que este mundo transitório está repleto de sentido e merece nossa confiança. Seus escritos são antídotos às tendências eufóricas da nossa época, que declaram que os homens mortais seriam deuses, salvos, libertos, e que é suficiente entregar-se à ação do divino. Nada é menos verdadeiro! A própria idéia de não sermos imortais, o reconhecimento de nosso estado perfeitamente terrestre, embora sejamos dotados de um poder emocional e intelectual muito elevado, a impressão de sermos, em certa medida, “culpados” porque somos “corruptíveis”, faz refletir! E então uma nova manifestação do “incorruptível”, “do eterno”, é possível.

Quem presente em si a presença do “incorruptível”, ou já a reconheceu, perceberá ou reconhecerá esse incorruptível em outras pessoas, embora diga com os Aforismos 70 e 71:

“O incorruptível é um; está em cada indivíduo e em todos porque é a relação indestrutível entre todos”.

Se percebermos as coisas dessa forma, a maneira como nos relacionamos conosco mesmo e também com os outros mudará. Para dar espaço em nós ao “incorruptível”, nós nos afastaremos do mundo transitório e compreenderemos que o “Espírito” religa todos os seres humanos entre si. Aforismo 60: “Quem se afasta do mundo ama todos os homens porque se mantém distante do mundo deles. Começa a perceber que a essência mesma do homem não pode ser senão o amor, com a condição que ele seja digno”.

A mensagem inigualável é então a já citada: “Teoricamente, existe a total possibilidade de bem-aventurança: crer interiormente no incorruptível, e isso sem esforço” ☼

a quarta dimensão

A consciência do espaço tridimensional não nos permite representar a quarta dimensão. Catharose de Petri qualifica-a de “realidade onipresente”. Para ela, a quarta dimensão transcende tempo e distância.

Sabemos que no mundo existem três dimensões: comprimento, largura e altura. Do mesmo modo, os matemáticos reconhecem a reta, a superfície plana e o volume. A reta não possui largura, e a superfície não possui altura ou espessura. Uma sombra como a nossa, por exemplo, não tem espessura e é, por conseguinte, bidimensional. Podemos, pois, considerar essa sombra bidimensional como uma expressão da forma, que é tridimensional. Em geral se diz que uma sombra é a projeção de uma dimensão superior numa dimensão inferior ou, falando figuradamente, que uma dimensão superior pode se expressar numa dimensão inferior por meio de uma sombra. Podemos, assim, compreender uma antiga sentença: “E Deus projetou sua sombra sobre a terra”.

Há muitas pessoas que consideram o tempo como a quarta dimensão, tal como, por exemplo, o fez Ouspensky em seu livro *Um novo modelo do universo*, escrito no início do século 20. Suas idéias fundamentavam-se em concepções científicas correntes naquela época, justamente antes do desenvolvimento da teoria da relatividade de Einstein. É com certa dificuldade que conseguimos imaginar o tempo sob o aspecto de uma dimensão superior, o que parece lógico; fazemos uma representação imperfeita, pois, por definição, é impossível para a consciência tridimensional imaginar a quarta dimensão. Para Catharose de Petri, como dissemos há pouco, *trata-se da realidade da onipresença*. Ela vai ainda mais longe e diz: “É a dimensão em que o tempo, a distância, o passado, o presente e

o futuro, o agora e o depois são abolidos por completo”.

A PASSAGEM DE UMA DIMENSÃO A OUTRA Com nossa consciência tridimensional não podemos de modo algum imaginar as coisas que existem na quarta dimensão. Contudo, é possível fazer uma analogia com a passagem da segunda para a terceira dimensão, dizer algo da passagem da terceira para a quarta dimensão e talvez tentar mostrar como a quarta dimensão se expressa na terceira.

Conhecemos a segunda dimensão como superfície; tomemos em particular o círculo como forma da superfície. Na terceira dimensão, o círculo se projeta como uma esfera. Essa esfera é composta de um número infinito de círculos que possuem o mesmo centro. A passagem da segunda para a terceira dimensão se dá, portanto, ao juntarmos os centros de vários círculos num mesmo ponto.

Analogamente podemos dizer que a passagem da terceira para a quarta dimensão se dá ao juntarmos num ponto os centros de várias esferas. É com dificuldade que podemos imaginar isso, pois estamos tão aprisionados na realidade tridimensional que isso nos parece impossível por causa dos limites. Nosso corpo, por exemplo, é constituído de células, partículas ou centros de tensão que são limitados. Entretanto, tudo isso é diferente no que concerne aos microcosmos, que igualmente são esferas. Podemos facilmente compreender que todos os microcosmos, embora diferentes, possuem um centro comum, um

A MEDIDA QUE TRANSCENDE O ESPAÇO-TEMPO

Shakespeare, Soneto II

**Quanto mais rápido declinares, mais rápido crescerás
Em um dos teus, de quem te despedes,
E esse sangue novo que juvenil concedes
Podes chamar teu quando a juventude transpuseres.**

**Nisso há sabedoria, beleza, e crescimento;
Sem isso há apenas loucura, velhice e frio declínio.
Se todos assim pensassem, os tempos cessariam,
E meros sessenta anos fariam o mundo desaparecer.**

**Que aqueles a quem a Natureza não fez para durar,
desagradáveis, desinteressantes, e rudes,
estéreis pereçam:**

**Vê que ela mais deu a quem melhor proveu;
dádiva liberal que debes cuidar com carinho generoso.**

**Ela te esculpiu para ser seu selo, e sua intenção com isso
era que devias imprimir mais e não deixar aquela cópia morrer.**

HISTÓRIA DE UM CERTO M.

Foi logo após a guerra que M. se estabeleceu definitivamente numa pequena ilha na costa da Grécia. Descendente de ricos ingleses, ele viajara toda sua vida, atormentado pela pergunta: "O que é que move o homem?" De suas viagens ele havia trazido muitos tesouros, que dispôs em sua casa. Orgulhava-se, particularmente, de seus livros, obras de antigos sábios, de poetas inspirados, de filósofos investigadores, e de muitos outros. A fim de abrigar sua vasta biblioteca mandou construir um pavimento superior e instalar um aparato elétrico especial de modo a poder, tarde da noite, após o sol se pôr, continuar mergulhado em seus volumosos livros. Era a única pessoa no vilarejo a desfrutar de energia elétrica. Do outro lado do povoado, onde começavam as colinas, habitava uma velha e sábia mulher que, de tempos em tempos, ele encontrava durante suas caminhadas. Esses encontros eram bastante freqüentes, e nessas ocasiões ele suspeitava que aquela mulher soubesse a resposta à pergunta que ele não ousava fazer. Num dia em que M. desfrutava do pôr-do-sol sentado diante de sua casa, avistou a mulher vindo em sua direção. Eles se cumprimentaram e começaram a conversar, até que por fim ela lhe contou que alguém acabara de visitá-la e lhe deixara um tipo de recordação de uma viagem em forma de diapositivos. Essa pessoa citara particularmente o nome de M. para mostrar a ela os diapositivos, pois afinal ele era o único no vilarejo a se beneficiar da eletricidade. M. sentiu-se alegre em poder fazer um agrado à mulher. O encontro foi marcado para a tarde seguinte, e ele preparou a biblioteca com o fito de impressioná-la. Ela chegou logo após o pôr-do-sol, acompanhada de dois amigos. Contudo,



M. esvaziara somente um pequeno pedaço da parede, retirando apenas uns poucos livros, tamanho era seu apego às suas preciosidades, que ademais ansiava mostrar à sábia mulher. Em consequência disso, a maior parte das imagens foi projetada sobre os livros que, por isso, serviram de tela, iniciando-se logo em seguida uma animada conversação sobre vários livros que nos proporcionam tantas idéias esclarecedoras. M. sorvia sua bebida em longos tragos. A profunda decepção da sábia mulher passou-lhe despercebida ao se despedirem, e ele esquecera completamente a questão que o atormentava. M. acenou para ela e seus convidados quando partiram, e em seguida, cheio de animação, voltou a sentar-se em meio a seus livros para contemplá-los. Muitos anos passarão antes de um novo encontro...

núcleo-alma coletivo, que se expressa individualmente em cada microcosmo como rosa-docoração, ou átomo refletor. Emanando desse núcleo-alma, a luz do Espírito projeta-se no corpo refletor, o corpo mental do microcosmo. Infelizmente, devido a nosso corpo mental estar cheio de todo tipo de idéias que nos são caras, idéias a que nos agarramos fortemente, somos impedidos de tomar consciência das projeções que nos são enviadas pelo Espírito. Em outras palavras: devemos aprender a conhecer com base no coração e não com o pensar da cabeça. Shakespeare evoca esse assunto em um de seus sonetos, talvez o mais belo deles, o número 11. No início desse soneto ele descreve como a consciência isolada deve criar um espaço para a consciência original mediante uma reversão, e

termina falando de um selo, de uma imagem da qual somos portadores, e que é preciso protegê-la para que não morra. Há nisso um duplo significado. No início desse soneto ele descreve como a consciência isolada deve criar um espaço para que o espírito possa projetar a imagem que emana do núcleo-alma, e que devemos projetar essa imagem no mundo como um verdadeiro ato vivente. Caso não o façamos, se ficamos a acariciar nossas próprias imagens sem fazer mais nada, então a imagem vivente morre. A terceira dimensão expressa-se na segunda como uma sombra, dando-nos uma idéia de espaço; e a quarta dimensão expressa-se na terceira como uma força que passa do interior para o exterior num espaço infinito, dando-nos assim uma vaga idéia da onipresença ✪



A verdade sobre o eu
ou
o retorno fundamental
transmutação
transfiguração

pentagrama – tema

O eu humano: um

Nas galáxias, um buraco negro é uma região no espaço com um campo gravitacional tão intenso que atrai tudo o que esteja ao seu redor, inclusive a luz (daí o nome “negro”, por absorver toda a luz que incide nele). Qualquer quantidade de matéria que caia na superfície unidirecional do buraco negro já não é capaz de escapar. Se olharmos para nós mesmos como um pequeno cosmo, descobriremos depressa um buraco negro: nosso eu. Devido a seu enorme poder, tudo o que passa em sua esfera de influência é atraído e convertido em “algo não-luminoso”. O eu torna nossa vida pesada, mas podemos torná-la mais leve interiormente.

Em nosso universo, todos os fenômenos e formas aparentes são regidos por leis, como por exemplo, a lei da atração, que influencia tudo que existe. Somente podemos estudar esses fenômenos observando-os e colhendo resultados científicos. É impressionante, por exemplo, como a influência aumenta à medida que um objeto se aproxima do centro da fonte de força. Do mesmo modo, quando um corpo celeste, visível ou não, se aproxima de uma fonte de força invisível, ele é fortemente influenciado e atraído por ela.

UM FENÔMENO ASTROFÍSICO Não surpreende a conclusão de que um “buraco negro” deve ser dotado de enorme força de atração gravitacional. Em um observatório europeu, os astrofísicos que estudam os corpos celestes mostram que há irregularidades nas órbitas dos astros próximos a buracos negros. Um buraco negro encontra-se no centro de nossa galáxia (*Sagittarius A*).

As teorias sobre os buracos negros tomaram forma no decorrer de dezenas de anos.

Descobriu-se que as maiores galáxias possuem um super buraco negro em seu centro. É somente em um ou dois por cento dos sistemas estelares que o buraco negro consome matéria suficiente para dar um show espetacular. *Cygnus A* é um desses exemplos.

Embora os astrofísicos considerem muitas teorias como relativas, a maior parte dos buracos negros reconhecidamente se distingue pela incrível densidade de sua matéria. Podemos compará-la com a compactação de um milhão de sóis, resultando

daí uma enorme força de atração gravitacional. Todos os objetos que se encontram nas proximidades são irresistivelmente atraídos em direção ao centro do buraco negro, que os submete a um calor inimaginável antes que eles desapareçam. Mesmo a luz é submetida a essa força de atração gravitacional e, não podendo escapar, é engolida pelo buraco negro. Somente podemos detectar os buracos negros pelas irregularidades das trajetórias dos astros que se encontram em suas imediações: eles são desviados de sua rota por essas enormes forças que os atingem. Sempre se discutiu sobre os fenômenos que produzem esses buracos negros e seu enorme potencial energético. Alguns cientistas supõem que, durante milhares de anos, eles são dissolvidos por processos explicados pela mecânica quântica. Outros afirmam que cada buraco negro se comporta como se aspirasse matéria para ejetá-la em outro universo, onde ele aparece como um buraco branco.

O BURACO NEGRO EM NÓS Não vemos em nós e ao nosso redor como que reflexos desses fenômenos? Se analisarmos profundamente, verificaremos que há um pequeno buraco negro em nosso próprio pequeno cosmo, que atrai e se apropria de todas as coisas da natureza, assim como dos seres humanos, nossos semelhantes, influenciando-os e arrastando-os para o lado mau. Nas discussões violentas, pode-se muito bem discernir a grande força egocêntrica que nos anima. Da mesma forma que no cosmo, trata-se de uma poderosa energia. Sua imensa força de

buraco negro?



Impressão artística de um buraco negro, © Orbitingfrog

atração congela e petrifica os que entram em sua esfera de ação até torná-los “entidades desprovidas de qualquer luz”. É a força que torna tudo “pesado”, a força de gravidade do eu. Segundo as leis da natureza, essa força não pode agir de outro modo a não ser atraindo o que corresponde à sua natureza e à sua estrutura; trata-se, portanto, de uma força egocêntrica ou centrípeta.

Por suas ações, tanto positivas quanto negativas, originadas pela lembrança ou pela resposta a uma situação atual, o eu atrai todas as coisas ou pessoas que lhe sejam úteis para conservar-se e agir. Essa é uma de suas características essenciais.

O eu pode utilizar também as forças do altruísmo e do amor ao próximo em seu benefício, porque ele é consciente de que uma vida sem esses dois princípios seria um inferno. Esforçar-se por praticá-los é necessário neste frio mundo, mas isso esconde também a busca secreta pelo próprio bem-estar, ou a vontade de moldar o mundo de acordo com as próprias concepções ou com a própria moral, de atrelar numerosas pessoas à sua própria carruagem. O eu tenta fazê-lo mesmo com as forças da luz divina que vem até ele do microcosmo ou do radiante campo de vida de Cristo. No entanto, aquilo que se quer conservar dessa maneira leva a um forte endurecimento da vida do microcosmo. Porque a vida é transformação de energias, ela recebe e dá continuamente. E o eu, que tudo devora, mesmo as forças espirituais que emanam do coração do microcosmo, é um gigantesco buraco negro, uma massa enorme, concentrada, congelada, completamente inerte.

A LIBERTAÇÃO VOLUNTÁRIA Deixar-se

voluntariamente impregnar e transformar pelas energias criadoras divinas, pelas energias do núcleo do Espírito, transforma a nós, seres humanos, em trabalhadores extremamente ativos, engajados em um grandioso processo. Aprender que doar também é receber manterá a todos nós no raio cósmico do amor divino, e, ao invés de tudo engolir e de tornar-nos densos como um buraco negro, seremos como um sol a propagar luz, calor e movimento. Ajudaremos os homens, somente por nossa presença, a reconhecer o verdadeiro sentido da vida. Tudo o que fizermos será espontâneo, sem nenhuma intervenção de nossa parte.

E, ao nosso redor, despertarão certamente a consciência e a compreensão, pois trata-se de libertar, no núcleo divino no microcosmo, o homem primordial verdadeiro da pesada força do eu. E verificaremos que essa energia não-terrestre transforma completamente o ser humano, fazendo-o alcançar a transfiguração: um estado em que, por sua vez, ele propagará a luz à sua volta.

Isso só é possível porque a verdadeira luz confere o decisivo dom de uma força de natureza divina: ela transforma o buraco negro a fim de renovar completamente o cosmo humano. Então, a luz que era prisioneira se liberta e retorna a seu próprio domínio, um campo cósmico de imensa luz. E o homem renovado, liberto do egocentrismo, poderá, durante sua transfiguração, transformar-se em uma nova fonte de luz que trabalha no mundo. Uma graça extraordinária! ✨

o homem não precisa ser seu eu

Nosso eu é inconstante, pouco confiável e fácil de influenciar. Contudo, sempre temos a tendência de estruturar nossa vida segundo suas leis e exigências, até o dia em que despertamos e começamos a compreender.

Temos um nome, uma data de nascimento e uma ocupação. Isso nos dá uma identidade, porém não explica em nada nossa natureza fundamental; são apenas atributos e facetas de nossa personalidade no mundo e na sociedade. O mesmo é válido para nossos traços físicos particulares, como juventude, beleza, força ou fraqueza, e também para as características ainda mais determinantes que as particularidades físicas, como coragem, receptividade, sensibilidade à música, nervosismo ou resignação. Dependendo da situação, um ou outro desses traços se destaca, independente de nossa vontade. Frequentemente os resultados provocados pelas forças desenfreadas de nossos estados de alma, que atuam contra nossa vontade, nos deixam perplexos.

A todo esse conjunto damos o nome de eu. Podemos contentar-nos com isso? Há muitas pessoas que o fazem. Nós também poderíamos contentar-nos com isso por um período de tempo, se não déssemos ouvidos à insatisfação interior lancinante que não cede, embora no aspecto exterior tudo pareça bem, tanto no plano financeiro como no aspecto emocional. Os anos passam, e as experiências e seus resultados sempre nos acompanham. Fracasso, sucesso, correria e precipitação, ganho e perda, alegria e triunfo se sucedem. Então, um dia surge a questão: quem causa ou sofre o turbilhão de acontecimentos no curso inelutável do tempo? O eu não nos parece, no decorrer de certo tempo, estranhamente perdedor e insatisfeito? Seria esse aspecto de nossa personalidade, que percebe e

influencia tanto o estado exterior como o interior, o principal autor de nossa existência? Certamente que não, pois esse eu ou consciência é tão pouco durável ou confiável quanto os movimentos de nosso psiquismo. Um medo súbito, por exemplo, pode fazê-lo contrair-se; ou então ele sente a atmosfera de um grupo e a ele se adapta facilmente. Mas onde ele se esconde durante o sono? E após a morte? Dado que ele está indissolúvelmente ligado aos fluidos vitais e ao corpo, ele não conseguiria sobreviver por muito tempo após a morte física. E por fim perguntamos: onde se encontra em nós a base inabalável da existência que, com razão, nos faz dizer: “Eu sou”?

DÊ-ME UM PONTO DE APOIO O filósofo grego Arquimedes disse, certa vez: “Dê-me um ponto de apoio e uma alavanca e eu moverei o mundo”. Existe semelhante ponto fixo? No Novo Testamento, ele é o Pai. Jesus, o Cristo, diz: “O Pai e eu somos um”. Se levarmos a sério essas palavras, nada poderemos fazer senão aspirar a compreendê-las, de todo o coração, pois não sabemos de que eu se trata aqui. Contudo, em todos os seres humanos encontra-se a base da qual é possível se desenvolver um homem superior: o coração. Ninguém explicou isso de modo tão admirável como J. A. Comenius (1592-1670), que escreveu: “Não vos sobrechargeis com coisas desnecessárias; contentai-vos com o pouco que é útil para vossa comodidade e louvai a Deus. Caso vos falte toda a comodidade, sabeis contentar-vos então com o



O labirinto de nossa alma, onde o eu normalmente se perde, surge porque falta à alma um centro estável

estritamente necessário. Se ainda fordes privados também disto, tratai de manter-vos como sois. Se também não puderdes manter-vos como sois, abandonai a vós mesmos, mas cuidai para manter-vos em Deus. Aquele que possui Deus já não deseja nada. Possui o bem supremo e a vida eterna com Deus e em Deus, eternamente e para sempre. É este o clímax e o fim de tudo o que se pode desejar”. Todo ser humano possui em si algo do divino; em alguns flameja o átomo-centelha-do-espírito, o ponto que nos liga ao divino. Essa centelha divina nos permite realizar nossa aspiração suprema e elevar assim nossa consciência, nosso ser inteiro, e o mundo conosco. Quando esse fogo começa a flamejar, tem início um caminho de evolução durante o qual nossa personalidade exterior se transforma segundo sua essência, com a qual ela acaba por fundir-se inteiramente. Pouco a pouco, o ser terreno se entrega ao totalmente outro em si, ao verdadeiro homem, o protótipo

do homem-deus, que respira na eternidade, na perfeição e, conforme a palavra de Jesus, é um com o Pai, a origem de tudo o que foi criado. Quem segue esse caminho naturalmente dará menos atenção a seu pequeno eu pessoal e passará a vê-lo como uma gota de água no oceano, como uma semente carregada pelo sopro da primavera, igual aos átomos portadores de imensas galáxias que turbilhonam através do espaço. A história da humanidade, da terra e do universo encontra-se na alma humana e nela aguarda despertar para a vida sob o impulso criador do renascimento do Espírito. O eu é, por conseguinte, um cosmo independente e ao mesmo tempo uma das células viventes das miríades de universos radiantes.

O TRIÂNGULO EQUILÁTERO DA ALMA Chegar a tal estado de consciência significa um verdadeiro despertar. O mundo interior e o mundo exterior tornam-se pouco a pouco mais claros

e mais compreensíveis. O eu dissolve-se numa consciência diferente, que tudo engloba, e o buscador passa a considerar seu ego de modo mais neutro. Ele percebe que, no fundo, seu eu apenas existe naquele breve instante em que ele o vivencia, subitamente manifesto. Ele não pode responder por seu passado nem por seu futuro; estes são apenas uma construção da imaginação, uma parada no curso do tempo. Se tentar examiná-lo mais de perto, ele desaparece no horizonte. Quem sou eu? Do ponto de vista exterior, a resposta é fácil. Porém, se nos olharmos interiormente, surge um labirinto no qual é preciso penetrar para responder a essa questão. Contudo, cada um de nós dispõe de um guia infalível; e se existe um fim para esse caminho de autoconhecimento, isso o buscador não pode saber de antemão, ainda que conheça o início. O labirinto de nossa alma, onde o eu normalmente se perde, surge porque falta à alma um centro estável. Os três centros de força da alma – vontade, vitalidade e sensação – não trabalham juntos senão de forma temporária e parcial. Frequentemente a vontade toma a iniciativa; e quando a razão acaba de juntar alguns argumentos válidos para agir, eis que a força vital já foi dissipada. Novamente será o sentimento e a razão que se retrairão. O eu não pode dirigir os três cavalos em determinada direção senão de maneira excepcional. Tudo o que resulta dessa selvagem confusão interior é apenas instabilidade e improvisação. Uma alma fortemente estruturada necessita de

uma personalidade cujas aspirações e desejos se dirijam deliberadamente para um alvo interior elevado. Somente então se poderá começar a confiar em certas percepções, a conhecê-las claramente e a agir sensatamente. A vontade de agir, a consciência da situação e as comparações feitas pelo poder sensorial atuam então como um sismógrafo, de modo que as mudanças mais sutis ocorrerão harmoniosamente. Enfim, esse triângulo equilátero representa uma casa estável nesta terra, em que se pode viver e trabalhar pelo tempo que for útil e necessário. Constrói-se assim, durante a vida, uma casa para a eternidade, por onde circulam as novas estruturas da alma, bem como as energias superiores do universo divino, que operam a transfiguração. Todas as improvisações desmoronam e uma nova manifestação engendra criações impercíveis. Assim são as forças supranaturais, que querem atuar no ser humano para mostrar-lhe o caminho das estrelas ✪

a coragem de conhecer

O pensamento é um instrumento poderoso. Quem realmente reflete pode conhecer o mundo, conhecer a si mesmo, assim como pode conhecer sua origem divina a fim de alcançar um pensamento libertador.



Pensamentos sem limite, no. I, Tom Hackney

O pensamento é livre, muitos assim crêem ou gostariam de crer. A importância do pensamento é inegável, pois desde o Iluminismo os homens, segundo Kant, aprenderam a servir-se de sua inteligência sem qualquer ajuda. *Sapere aude* significa: ousar saber – e, por conseguinte, também pensar. E como as concepções do saber esotérico concernem a todos os planos da vida, procuramos pensar de maneira positiva e saudável. Quem reconhece que seu problema é o egoísmo, esforça-se, conseqüentemente, para pensar mais nos outros. Isto significa que nos tornamos progressivamente conscientes do poder do pensamento, entre outros fatores.

SIGNIFICADO DO PENSAMENTO Que significado tem o pensamento à luz da doutrina universal? O pensamento era o instrumento do homem original que lhe permitia abarcar a idéia divina. O homem, como pensador, deveria obter pouco a pouco o conhecimento da natureza, de si mesmo e de Deus – ele deveria penetrar essa força primordial ou idéia original, que está na origem da criação e de sua própria existência; e na mesma medida colaborar como criador e construtor da natureza divina. “Homem, conhece-te a ti mesmo” era a recomendação que data da antiga Grécia e que o visitante via inscrita na entrada do templo de Apolo, em Delfos, e que ele se sentia chamado a realizar. Em seguida, era dito: “e conhecerás o universo e os deuses”. Não se trata do conhecimento do mundo material, mas da alma e do Espírito. Temos a tarefa

de reconhecer que viemos de um mundo que decaiu e de considerar o homem original como um objetivo a alcançar. Quem se sabe portador de aspectos muito superiores deve, então, orientar-se livremente nessa direção.

VESTÍGIOS DO LIVRE PENSAR Vestígios do livre pensar aparecem na história da humanidade. Todas as fraternidades gnósticas reconhecem a importância de uma realidade superior. Desde o início, o cristianismo deu à humanidade a possibilidade de renovar a alma mediante a libertação do pensamento. Cristo não pede somente a fé, mas também o amor. Ele faz o seu melhor para que o homem o compreenda e possa segui-lo verdadeiramente. Isso principia pela fé, mas o cântico de enaltecimento ao amor diz: “Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor; porém o maior destes é o amor” (I Cor 13:12-14). A fé é o toque do coração. A esperança é o começo do novo pensamento: a nova consciência que, a caminho, percebe “o bom fim”, a entrega total de si ao Cristo interior. Enfim, o amor é ser uno com Cristo. Mas, na vida, as poderosas diretrizes constantemente obstaculizam e lutam contra a liberdade de pensar. A liberdade de pensar leva-nos à consciência da eternidade, depois, à libertação de nosso aprisionamento na matéria. Os cátaros, que viviam na Occitânia, no fim da Idade Média, criaram uma atmosfera pura na qual seus alunos

A pré-memória leva o buscador ao conhecimento de que o eu não é a verdadeira essência do ser humano. Com essa percepção, a cabeça e o coração se apaziguam

tinham o conhecimento do nascimento da nova alma, que podiam vivenciar ao doar-se inteiramente. Aqui, o principal é imergir nas novas forças, incorruptíveis, que fazem nascer outra consciência, uma consciência que dá ao homem-alma a possibilidade de se expressar.

O PENSAMENTO COLETIVO O pensamento coletivo opõe-se fortemente à liberdade do pensamento individual. Ele habita todos os seres humanos e vive em suas consciências. Trata-se de um campo de força mundial que, no espaço-tempo, não carrega em si mesmo noções de eternidade. Como a história mostra, uma grande oposição se manifesta com o surgimento de uma nova idéia, mesmo uma idéia terrena. As novas concepções são combatidas por muito tempo antes de tornarem-se domínio público. Quando o pensamento coletivo as aceita, elas já foram, evidentemente, concretizadas. No que concerne ao conceito de eternidade, apenas uma pequena parte dessas idéias peculiares se difundiram, a ponto de tornarem-se muito conhecidas. O que é aceito, em geral, está sempre ligado à realidade do espaço-tempo. As festas cristãs, como o Natal e a Páscoa, por exemplo, têm uma origem muito profunda e têm muitos significados que foram esquecidos. Dentro do círculo familiar percebe-se, às vezes, a força original, mas poucas pessoas a reconhecem conscientemente.

DOGMAS E IDEOLOGIA O século 20 viu florescer muitos dogmas e ideologias. Socialismo, comunismo, capitalismo e expressões

fundamentalistas das religiões mundiais mantiveram atadas as mentes de incontáveis pessoas. Esses sistemas ainda não desapareceram completamente da cena mundial, mas suas influências parecem diminuir. O fim das ideologias tornará livre o caminho para novas idéias? No Ocidente, o livre pensar aparentemente nada acrescentou. Para substituir a coação do pensamento imposto pelas autoridades, agora são aplicados métodos mais sutis. Do mesmo modo que a antiga propaganda encorajava o pensamento negativo. Aliás, a publicidade e seus métodos aprisionam os homens, seus desejos e suas vontades. São fenômenos normais no mundo da dualidade onde amigos e inimigos sempre se atrairão e se repelirão. Quem quiser acessar um novo pensamento, livre, deve tentar deixar para trás essas ligações.

O PENSAMENTO ESOTÉRICO Não são apenas os psicólogos que compreendem que são os pensamentos que determinam nossa percepção do mundo e do bem comum. Ao se interessarem pelo esoterismo, as pessoas percebem melhor o significado do pensamento. O pensamento ilumina o corpo astral e estimula os desejos, tendo como resultado uma concentração correspondente de forças vitais que impulsionam à ação. Essa compreensão nos faz desejar pensar de forma saudável. Tratamos, então, de renunciar às velhas idéias bem estabelecidas e de não negar a esperança, esforçamo-nos por romper o circuito incessante das experiências negativas. Mas esquecemos sistematicamente que nossos



Paisagem, 27 de julho de 2008, Jerry Högnäs

pensamentos conscientes representam apenas a ponta do icebergue, e que é principalmente o inconsciente que nos dirige. O mesmo acontece com nossos pensamentos positivos: podemos decidir refletir sobre algo positivo que vai inspirar nossa vontade. Mas quem conhece as correntes profundas que podem interromper o fluxo de pensamentos positivos? E quem sabe se o que para nós é positivo não terá conseqüências negativas? Porque nossos pensamentos não movimentam apenas a nós mesmos. Eles atravessam todo o nosso campo de vida à procura de um eco, de uma resposta. E, inelutavelmente, a resposta vem de acordo com o verdadeiro estado de quem emitiu os pensamentos. Em certas circunstâncias, elas simplesmente não correspondem aos desejos e pensamentos conscientes de seu autor.

A CORAGEM DE CONHECER Tudo isso nos ensina que em nós, assim como no mundo, o bem e o mal estão ligados de maneira indissociável. No entanto, ainda nos é necessário pensar, desejar e agir. No melhor dos casos, a conseqüência das

boas experiências a que aspiramos é descobriremos nossas limitações. Ousar conhecer!

A porta para o despertar do homem divino abre-se para quem aceita dia após dia esse saber, esse conhecimento interior.

Isso acontece quando a centelha-do-espírito, o verdadeiro ser, está ativa. A pré-memória leva o buscador ao autoconhecimento, à percepção de que o eu não é a verdadeira essência do ser humano. Com essa percepção, a cabeça e o coração se apaziguam. Eles alcançam um ponto neutro e experimentam uma reviravolta.

O homem autocentralizado sente-se desmascarado pela pré-memória; ele dá um passo atrás para que o outro se aproxime. O coração novamente se inflama, e a cabeça se ilumina.

Então, desperta uma nova alma, e sua veste é o novo livre pensar. Esse pensar está voltado para a restauração do microcosmo divino. Ao mesmo tempo, ele permite que o homem que mantém sua consciência elevada siga caminhos diferentes no mundo. Então, ele pode transmitir a flama desse novo pensar aos que se mostram receptivos ✪

religião: caminho de discernimento

O que é a religião? Quando for possível responder a essa questão de maneira inequívoca, todas as religiões serão caminhos que conduzem a Deus. A verdadeira religião é o caminho do discernimento, da vitória sobre o mundo e da quebra da ilusão que é o ego. É um caminho que leva à formação do novo homem. Nesse caminho, o esforço pessoal é indispensável.

Todas as religiões conduzem a Deus. Com palavras desse tipo, ou parecidas, os homens rejeitam as correntes confessionais dogmáticas e exprimem sua tolerância pelos diferentes movimentos religiosos. Mas essa afirmação faz sentido? Para responder a essa questão, é necessário examinar o que é religião e diferenciar sua essência dos mal-entendidos e das interpretações equivocadas.

A RELIGIÃO NATURAL Podemos propor uma divisão em religiões naturais e religiões espirituais. A religião natural, em todas as suas formas, representa uma necessidade biológica do homem. Pensemos, por exemplo, no desejo daquele que, como ser mortal, quer alcançar a vida imortal. Porém, por ter nascido nesta natureza, ele experimenta, sem cessar, sua submissão à obscura violência do destino e à ameaça da natureza, o que o enche de ansiedade. Em seu desamparo, ele busca refúgio no que possa dar-lhe proteção e segurança e o ajude a lidar melhor com seus problemas. Ele adora deuses e espíritos, faz-lhes oferendas ou tenta influenciá-los mediante rituais mágicos e, assim, mudar sua sorte. O objetivo não é evitar uma ameaça direta, mas, auxiliado pelos céus, alcançar seus desejos pessoais e suas metas, que muitas vezes estão além da morte. “Cada ser humano se projeta no futuro em uma versão melhorada de si mesmo, com a ajuda de um protótipo, seja ele religioso, ocultista ou humanista”, afirma J. van Rijckenborgh. Esses três protótipos podem então ser considerados como formas de religião natural.

A RELIGIÃO ESPIRITUAL O que acaba de ser examinado em poucas palavras refere-se a um dos aspectos da religiosidade humana: aquele do qual dependem as necessidades humanas.

O segundo aspecto da religião, um aspecto decisivo, situa-se em um nível essencialmente diferente do nível da sobrevivência. Trata-se da religião espiritual.

No mais profundo de nós está escondido o saber de que, como homens, somos seres decaídos, e em nosso estado atual apenas somos caricaturas do que um dia fomos, isto é, criaturas divinas, criadas à imagem de Deus. Mas, como um raio fulgurante de esperança, brilha em nós o pressentimento de que deveria ser possível, em princípio, reencontrar a perfeição divina perdida. Esse até poderia ser o sentido verdadeiro de nossa existência, tal como na metáfora do filho pródigo que retorna ao lar divino de seu pai; ou melhor ainda, o retorno do divino em nós a sua pátria divina. Em sua origem, cada religião espiritual ensinava esse caminho de retorno. Mas, ao longo dos tempos, essas religiões se misturaram cada vez mais às religiões naturais. Como isso foi possível?

A FUSÃO ENTRE DOIS TIPOS DE RELIGIÃO

Como seres humanos, portamos em nós dois aspectos: por um lado, o princípio da natureza biológica, ligado à matéria e dirigido pelo desejo de autoconservação; por outro lado, um princípio de eternidade que nos incomoda e nos impulsiona a retornar às leis e à ordem divinas do reino desconhecido. Mas sempre de



“Ó tu, que ofereces o pão da vida e preenches todos os reinos com som, luz e vibração, que eu possa experimentar a tua luz no meu mais profundo santuário.”

(Tradução literal das primeiras linhas do Pai Nosso em aramaico)

novo o impulso por auto-conservação apodera-se das forças da eternidade. O eu quer tornar-se imortal; ele tenta fazê-lo com a ajuda das forças poderosas que vêm do Além. Foi assim que as religiões espirituais originais tornaram-se sistemas dogmáticos a serviço do eu. A missão da religião espiritual, que era religar o homem a

Deus – *religare* significa de fato religar – enfraqueceu, alterou-se, foi completamente deformada e substituída pela ambição de consolidar e melhorar a existência com a ajuda da religião. Então, os ensinamentos espirituais cheios de força e luz decaíram ao nível das religiões naturais. A religião tornou-se um instrumento nas mãos



do poder, que joga habilmente com a necessidade de segurança e com o desejo de imortalidade. A escravidão desapareceu, porém os “crentes” tornaram-se excelente material para uma nova forma de escravidão.

AS ESCOLAS DE MISTÉRIOS Através de todos os tempos, as escolas de mistérios foram guardiãs da pura religião do Espírito. Elas apenas podem se manifestar onde os buscadores e as almas verdadeiramente devotadas se reúnem com um desejo ardente! No silêncio dos lugares santos, os ensinamentos interiores mostram aos alunos o caminho que conduz “à liberdade dos filhos de Deus”. A religião espiritual é o caminho do discernimento, um caminho de vitória sobre o mundo e de quebra da ilusão que é o ego. É um caminho que conduz ao devir do novo homem. E a principal característica desse desejo ardente

é o indispensável esforço pessoal, mesmo que se saiba que os mistérios da alma não são alcançados apenas mediante esforço pessoal, que eles só podem ser encontrados mediante a força libertadora de Cristo, a energia libertadora que opera nas escolas de mistérios de maneira muito especial, mediante uma consciente e continuamente renovada auto-rendição à fonte única de vida que está oculta. Uma clara boa vontade é necessária para reconhecer no próprio ser algo do homem divino decaído e abandonar o que se revela como um obstáculo no “caminho do renascimento da água e do espírito”, assim como indica o Evangelho de João.

A verdadeira consciência religiosa é reconhecida pelo fato de estar sempre pronta a renunciar à sua própria natureza, a abandonar seu egocentrismo e a entregar-se sem reservas à “corrente” que quer fazê-la passar do mundo de trevas à luz da eternidade. Todos os outros motivos são, clara ou disfarçadamente, da ordem do interesse pessoal. Queremos seguir o caminho de uma religião espiritual libertadora? Ou nos apegamos ainda a uma religião natural que utiliza a religião espiritual para seus próprios fins?

Podemos avaliar as religiões na proporção em que elas franqueiam ao buscador o caminho para a luz divina, para o totalmente outro, o eterno ✪

Icebergue e sol da meia-noite no extremo norte (Groenlândia)

© Charles Bezzina, Inglaterra

tudo que é perecível é
apenas alegoria



Assim como camadas de gelo se transformam em glaciares, assim também acontece com as experiências das encarnações precedentes no nosso microcosmo. Elas são guardadas no sistema humano como neve e gelo, até que trafeguem como glaciares pelas praias do hoje. Uma criança nasce. Um ser humano com a possibilidade de se libertar, pois traz ativo em si o princípio espiritual.

Imaginemos que estamos no extremo norte, na Groenlândia. Uma massa de gelo flutuante trafega em direção à costa. O jovem glaciar geme e suspira. E então, um gigantesco muro se desprende, guinchando, e como em câmara lenta o gigante azul afunda no mar cor de chumbo, emerge de novo, vira-se obstinadamente para tomar parte no desfile das enormes massas de gelo nas praias da Groenlândia.

Apenas a sétima parte do icebergue fica acima da superfície da água. O restante está debaixo d'água, é praticamente invisível e possui as mais estranhas formas. Por isso os icebergues são estruturas muito instáveis. O povo do Ártico, os inuítes, sabe disso. E os caçadores de focas em seus caiaques evitam aproximar-se dos gigantes. Porque o menor movimento na água, como por exemplo o submergir de um remo, pode fazer esse gigante rebentar ou girar. E quando gira como um cubo de gelo no copo, ele provoca enormes ondas que podem fazer um barco naufragar.

Do mesmo modo que as antigas camadas de neve e gelo constantemente formam glaciares, assim também ocorre com os resultados, experiências, tensões e desejos não saciados de encarnações passadas no nosso microcosmo. Como a neve e o gelo, eles se acumulam no sistema humano, camada após camada, através dos séculos, e então deslizam como glaciares na praia do hoje. E um dia este “glaciar” se desprende. Então, é criado um novo ser humano que, com um grito, desliga-se da grande corrente cármica. Se um corte decisivo é feito, o recém-nascido

é separado das experiências de milhares de anos. Ele perde a lembrança de seu passado. No entanto, essas experiências ainda estão ativas nele. E o “icebergue” inicia sua viagem pelo mar desta vida, até que, involuntariamente, se dissolve no mar. Como também faz parte da água, ele é atraído pelo sol, e eventualmente voltará a cair como neve e gelo no glaciar original. Como apenas uma parte do icebergue é visível, assim como acontece com o eu, ele é mais ou menos consciente de si mesmo. A parte submersa, entretanto, a forma desconhecida, o subconsciente, determina a estabilidade do ser humano, seu comportamento.

O inuíte evita até pronunciar uma palavra na proximidade de um icebergue “porque o gelo se vinga quando seu silêncio é perturbado”.

Todos nós sabemos quanto a menor das palavras pode abalar nosso silêncio, nossa quietude. Nossas certezas, nossos conceitos, são na verdade falsos silêncios.

Estamos num equilíbrio instável. E quando esse equilíbrio é quebrado, causamos a nós mesmos e aos outros grandes problemas. Estamos conscientes do que uma palavra errada pode causar? Quantas vezes, e não sem consciência, fazemos um comentário que ofende outras pessoas. E nós mesmos certamente também somos ofendidos. Talvez então façamos a experiência da ruptura e da virada do nosso icebergue. Continuaremos a nos deixar flutuar no mar da vida, inconscientes e em constante medo de nosso instável equilíbrio interior e exterior? Ou tentaremos finalmente “vivenciar



Mãe e criança inuíte © Maria E. Cipp

conscientemente o que habita no mais profundo de nosso ser”?

Aqui devemos abandonar a alegoria do glaciador e do icebergue, porque no que diz respeito às tarefas que podemos realizar como seres conscientes, essa imagem já não é satisfatória. Ao contrário do icebergue, podemos refletir, conhecer-nos, analisar nosso estado e procurar uma saída. Isso porque temos uma dimensão ativa em nós que não provém desta natureza, um princípio espiritual!

Esse princípio possibilita transcender as forças que prendem a esta natureza, libertar-se da lei da

Podemos confiar na elevada energia espiritual desse princípio, numa força que nos envolve completamente, assim como o mar envolve um icebergue

encarnação e do carma, que conduz cada personalidade terrena com seu eu consciente e inconsciente através da vida, até que ela seja dissolvida na morte. Isso é possível! Conseguimos isso confiando na elevada energia espiritual desse princípio, numa força que nos envolve completamente, assim como o mar envolve um icebergue (aí está ele novamente), exatamente no momento em que reconhecemos que as leis naturais não oferecem saída e que com nossos próprios pensamentos e ações não avançamos. Então uma nova fase se inicia em nossa vida: consciente e voluntariamente orientados para a energia do campo de força de uma escola espiritual, receberemos o calor necessário para derreter o icebergue.

A frieza e a rigidez do ego e do subconsciente, onde subsistem milhares de anos de experiências, já não desempenharão papel algum nos cálidos raios do amor divino ☀

nirvana: supremo vazio e

Poucos conceitos são tão mal compreendidos como o do nirvana. Geralmente ele é entendido como a extinção de tudo o que é. Mas é exatamente o oposto: o homem cujo antigo ser mergulha no nirvana aí encontra a fonte da vida. E a energia original torna-se ativa nele.

Numerosos ensinamentos de sabedoria fazem referência à idéia de vazio. O taoísmo, a sabedoria egípcia, o cristianismo original, falam da aspiração ao vazio no decurso de um caminho espiritual. O budismo fala do nirvana. Literalmente, significa a extinção da idéia de existência apartada. Em um processo iniciático, o que deve tornar-se vazio?

“Meu reino não é deste mundo.” Com essas palavras, Jesus dá uma chave. O homem está saturado das coisas deste mundo: sua consciência, seu pensamento, seus sentimentos, formam um emaranhado inextricável. Suas percepções, seus desejos, suas considerações sobre toda sorte de eventualidades e mil coisas com que ele é inundado diariamente não lhe deixam espaço algum para receber qualquer eco do outro reino. Ele está totalmente adaptado ao mundo efêmero. Não sendo deste mundo, o outro reino não tem nenhuma realidade para ele. Quem não cria um espaço interior nem se liberta da ligação às coisas terrenas não encontrará o reino de Deus. O primeiro passo para libertar-se da natureza transitória é o passo do silêncio. Lemos no *Tao Te King*: “Antes da existência do céu e da terra havia um ser vago. Quão quieto e calmo. Quão imaterial. Ele se mantém só, em si mesmo, e não se modifica. Ele flui através de tudo e, no entanto, não corre perigo. Poder-se-ia designá-lo a Mãe de tudo o que existe debaixo do céu”.*

É necessário silêncio e vazio interior para sentir o fundamento, a razão primeira do universo: o intangível e o sem-forma. Mediante a rosa-do-coração, todo homem está ligado ao campo de vida divino; por meio dela, ele estabelece a ligação com o campo do ser que o reconduzirá à origem da Criação. Assim que estamos dispostos, aprendemos a nos confiar ao sem-forma, à “Mãe do cosmo”, o princípio original de tudo o que existe e do qual a consciência humana não pode perceber o mistério. Para nós, seres humanos do mundo transitório, entrar no vazio não é algo simples.

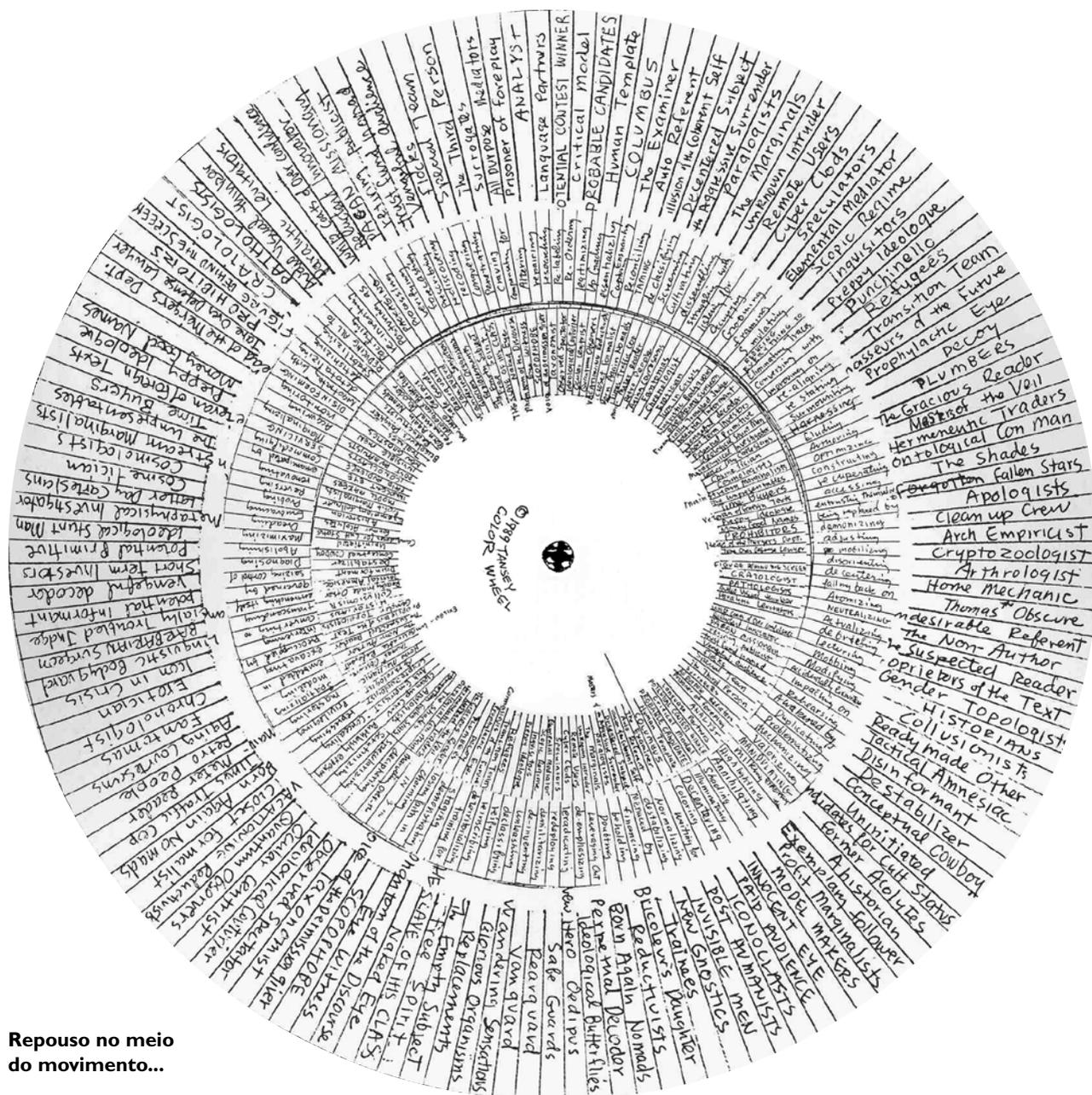
O candidato que se aproxima do caminho faz a aliança da inteligência com a entrega para absorver-se no nirvana, o reino do imutável.

INQUIETAÇÃO A voz do silêncio começa a se fazer ouvir não como um som, mas como um chamado a uma elevação, provocando assombro e certa perturbação, mas também um sentimento de paz que resiste a toda oposição.

Se ele é honesto consigo mesmo, o aspirante verifica que não pode responder de modo algum a essa comoção nem estabelecê-la em sua vida. De fato, ele não tem nenhum poder sobre ela; o que o leva a se dar conta de que, como homem terrestre, ele não tem dimensão alguma. No entanto, ele aprende a abrir-se ao outro que está nele, obrigado a prestar atenção a todas as forças e idéias que encontra. A busca pelo silêncio interior é de notável ajuda.

Neste mundo, o vazio parece de pouca

fonte de vida



Repouso no meio
do movimento...

relevância, apenas uma causa de angústia. Mas quem tem a coragem de entrar nele, impulsionado por uma aspiração espiritual, percebe que o vazio é na realidade uma plenitude, um absoluto, com relação ao qual tudo o que é relativo tem um sentido. Lao Tsé dá esta imagem: “Os trinta raios de uma roda convergem para o cubo, mas é

unicamente devido ao espaço vazio que eles são úteis”.

O capítulo 11 do *Tao Te King* explica que é o vazio que confere realidade às coisas. O cubo em que o eixo gira torna possível o movimento.

A Criação inteira é movida graças ao vazio

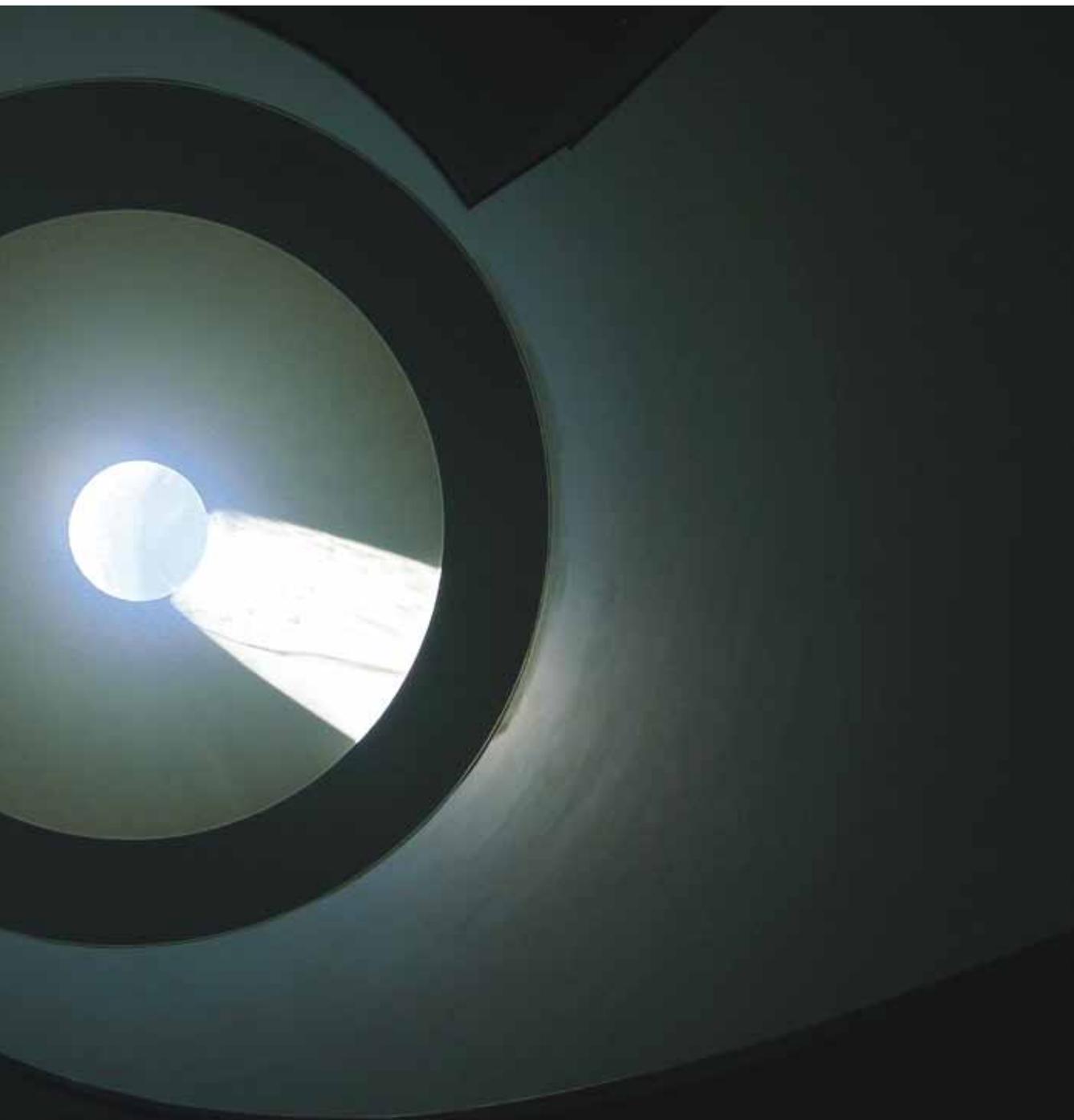
Da escuridão para a luz; a viagem para o Absoluto

central por onde fluem as energias divinas. A Criação e o homem são realmente viventes unicamente pela consciência de portar, no centro deles mesmos, um espaço vazio. Do mesmo modo, as portas e janelas de uma casa só tomam todo seu sentido como aberturas à origem sem forma. Forma e sem-forma têm juntos um sentido. No caminho da harmonia, vivenciamos o significado e a utilidade dos dois. As leis da existência deste mundo tornam-se nossas aliadas quando nos abrimos ao sem-forma. A lei do “nascer, crescer, desaparecer” perde sua força predominante. O homem interage com a forma, mas ele se concentra no que é agora vazio para ele, o sem-forma. Ele coloca-se sob outra lei: a lei do reino original. Segundo as palavras de Buda: “O supremo arrebatamento, amigos, é o nirvana”. Porque o vazio aparente é, na realidade, o lar da paz imutável, do amor e da sabedoria. Do vazio, que é fonte de ansiedade para o eu, nasce o vazio perfeito, a plenitude.

No caminho que leva ao vazio, ao nirvana, quanto mais se cria espaço para o silêncio ofertado à energia primordial, menos as coisas deste mundo exercem sua influência coercitiva. Porque vemos nosso antigo ser suportar essa influência e vemos o jogo das forças da natureza transitória; elas são desmascaradas, vemos a ilusão, enquanto o outro ser divino desperta em nós e nos faz alcançar o nirvana, a extinção.

INCOMPREENSÃO O conceito de nirvana é, portanto, largamente incompreendido. Ele é tido como a extinção de tudo, e acredita-se que o budismo leve ao nada absoluto. Mas o nirvana não é o vazio que, para consciência do homem, acorrenta ao mundo da forma. Quem entra no nirvana encontra aí a fonte da vida. Para ele, as formas são vazios desligados





© Caneles' photostream, Flickr

do absoluto, do qual se originam. A ilusão, “maia”, cessa quando o verdadeiro ser desperta nele e ele alcança o nirvana. Ousamos comparar a idéia de “extinção” da fraternidade cátara à dos rosacruzes atuais: o ser humano suporta sua ligação com a forma até que sua alma-espírito desperte. Nesse processo, ele aprende como as energias do reino agem por meio dele.

Esse é o verdadeiro sentido deste capítulo do *Tao Tê King*:

“Pratico o não-fazer, e os outros se transformam.

Amo a quietude, e os outros se corrigem por si mesmos.

Abstenho-me de fazer qualquer coisa, e os outros ficam ricos.

Sou sem desejos, e os outros reencontram a simplicidade original.”

AÇÃO Com assombro, o candidato vê que se torna silencioso, e comprova a ação das forças libertadoras em si mesmo. Ele renuncia a coisas a que seu eu jamais renunciaria. Ao mesmo tempo em que esse abandono acontece, o amor universal é derramado nele, como a energia que tudo sustenta. A fonte dessa mudança, portanto, permanece invisível. Do vazio que sobrevém a seu eu pleno de ansiedade, nasce o vazio perfeito, a plenitude. Nele o vazio se torna novamente ativo como princípio original, e ele já não se volta para tudo que o cerca. Ele trabalha, age, mas já não como um ser determinado pela forma; ele já não se manifesta como um ser nascido da natureza terrestre, ele deixa a energia primordial agir em si. Portanto, é a mesma força que age em todos os homens por meio de sua personalidade, mas ela manifesta certa reminiscência da origem eterna.

Por isso Lao Tsé escreveu: “Pratico o não-fazer, e os outros se transformam.” É a origem eterna que age e libera nele a possibilidade da mudança. “Amo a quietude, e os outros se corrigem por si mesmos.”

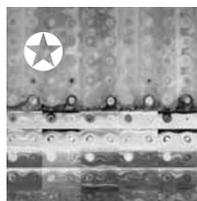
O que pode querer quem já tem parte na quietude da ligação com a origem eterna? Devido a sua verdadeira essência, ele está em unidade com todos e estimula em cada um essa consciência. “Sou sem desejos, e os outros

reencontram a simplicidade original.”

No início, essa idéia de retorno à unidade original é incompreensível para o homem terreno.

A seguir, ao buscar o silêncio, ele cria para si um espaço interior preenchido pela voz do silêncio, a voz da eternidade; ela ressoa em seu coração e lhe transmite sua energia. Sua consciência abre-se ao ilimitado. Ele se sabe religado à luz e à força da eternidade; ele vê cada vez mais distintamente o retorno à luz como seu alvo. Ele sente algo do vazio supremo, a razão primeva da qual emana a luz, a força e o ser. Quem conhece o vazio supremo ara o campo da matéria para libertar o espírito.

“O sábio gera as coisas e as alimenta. Ele as gera sem as possuir. Ele acrescenta e multiplica sem esperar recompensas. Ele reina e não se considera mestre. A isso se denomina a virtude misteriosa.”



* Rijckenborgh, J. v. *A Gnosis chinesa*.
Jarinu: Rosacruz, 2006.

da ficção científica à realidade

A volta ao mundo em oitenta dias ou uma viagem da terra à lua já não são aventuras de pura ficção científica. Os progressos técnicos colocam a humanidade diante da perspectiva de grandes mudanças. As influências da era de *Aquarius* vão se manifestando muito nitidamente, e resta saber se os prognósticos são realmente tão fictícios.

Adoutrina universal nos revela que desde tempos imemoriais o homem celeste, andrógino, engendrou sete tipos de seres, sete raças principais. Essas sete raças povoaram não somente a terra, mas também o sistema solar. No decorrer dos processos que seguiram, a humanidade divina se religou pouco a pouco à sua própria criação e a suas criaturas. E por fim surgiu, com a separação dos sexos, a situação humana atual.

No século 19, e sobretudo no começo do século 20, surgiram muitos livros de ficção, a maior parte deles descrevendo aventuras futuristas no espaço e explorações impossíveis para aquele momento. Muitos se interessaram por essas histórias fantásticas que ao mesmo tempo evocavam épocas há muito tempo passadas. Alguns escritores de ficção científica extraíram sua inspiração de uma mistura entre as esferas etérica e astral. Eles descreveram como aumentar e mesmo ultrapassar limites. Às vezes apontaram um nível mais alto da evolução humana ou uma senda da evolução. Ligados com múltiplas realidades, eles anunciaram então os desenvolvimentos vindouros nos domínios material e etérico. Muitos desses romances provêm do novo mundo, dos Estados Unidos da América. Mas quem não leu, do escritor francês do século 19, Júlio Verne, *Da terra à lua*, *Vinte mil léguas submarinas*, *Viagem ao centro da terra*?

IMPROVÁVEL Hoje, muito dessa ficção parece

menos incrível que outrora. O que era impensável naquele período hoje foi realizado materialmente. E quem sabe se não é um trampolim para a realização do que hoje ainda é inverossímil? Os limites devem sempre ser quebrados e ultrapassados.

Para uma pessoa que não o conhece, J. van Rijckenborgh também poderia ser considerado em certo sentido um autor desse tipo. Em seus escritos, com efeito, ele prega uma evolução humana diferente da comumente vislumbrada. E isso, em relação a fatos concretos, particulares, descritos em toda a sua leveza e inconcebíveis para o comum dos mortais. Em sua opinião, em dado momento, a ciência demonstrará e provará suas afirmações. E é isso que acontece agora!

É claro que tudo depende da consciência de cada um e do nível da ciência em que nos fundamentamos. Seria esse o ponto de partida material, de base puramente empírica, que se desenvolverá mais tarde? Não seria perigoso estar constantemente atrás de fatos dos quais nosso espírito não participa? Não precisamos de uma ciência não-experimental ou impossível de controlar pelo intelecto, mas que provém de outra fonte?

O fator decisivo é o campo astral de que haurimos. As variações existentes nele são grandes, mas apenas enquanto as fontes de que haurimos permanecerem no universo do espaço-tempo, e disso os resultados darão testemunho.

Uma força renovadora irradia sobre o corpo solar e sobre o mundo e a humanidade

Entretanto, algumas pessoas testemunham de outro universo, provavelmente muito mais sutil e elevado. Em nossa escola espiritual falamos de um corpo-vivo, de um campo energético cintilante de inspiração gnóstica e consciência diferente, ligado a um campo superior de vida da alma.

AQUARIUS Em todas as épocas, a humanidade foi inspirada por diversas doutrinas de sabedoria e em particular por representações dos céus de onde deve provir a alma. As constelações e suas influências têm aí um papel importante. Durante os últimos decênios falamos mais e mais da era de *Aquarius* e de sua influência: o corpo solar e com ele o mundo e a humanidade recebem uma força renovadora. Um ano solar dura por volta de 26.000 anos, divididos em períodos de aproximadamente 2.160 anos. Quando se trata da atividade de certo período estelar, não é o tempo que é determinante, mas a difusão de energia, que tem certa diferença de potencial.

A lei da dialética é nascer, florescer e perecer. A diferença de potencial da era de *Pisces* (Peixes) diminuiu nos últimos séculos, no início paulatinamente e depois numa escala sempre crescente. Às vezes depressa, às vezes despercebidamente, às vezes de forma intermitente. No início da diminuição da força de certo período já se demonstra o início do período seguinte. Assim, a diferença de potencial da era de *Aquarius* anunciou sua influência já há séculos.

Mesmo que, do ponto de vista do

espaço-tempo, a era de *Pisces* deva se perpetuar ainda por duas gerações, sua influência praticamente findou. Pode ser que a humanidade ainda sofra convulsões em alguns campos, mas novos valores como unidade, franqueza, verdade e justiça estão claramente presentes e ganham força praticamente a cada dia.

E quantas vezes o tempo já não ultrapassou o fim do mundo anunciado por vários grupos? Num futuro próximo, os influxos da era de *Aquarius* se farão mais intensos e decisivos que os da era de *Pisces*, que estão diminuindo. Esse momento acontecerá neste século e terá uma importância crucial.

Visto em termos de espaço-tempo, o período da transição tem uma duração relativamente curta. Algumas culturas anunciaram este período já há milhares de anos e testemunharam disso por meio de cálculos ou construções magistrais. Quem não ouviu falar, por exemplo, na cronologia da Grande Pirâmide, ou do atualmente tão citado calendário maia?

Antes de mais nada, ele parece indicar que entre 2001 e 2012 realmente começam a se levantar os véus que obscurecem nosso discernimento.

Muitos, dentro ou fora da escola espiritual, supõem ou pensam que J. van Rijckenborgh se equivocou ao falar, no meio do século passado, sobre 2001 – quando 2012 ainda não estava muito em foco.

De qualquer forma, isso está fora de questão. Apesar de todas as tolices das publicações



especulativas sobre o assunto, já foi profetizado há milhares de anos que em nossa época chegaria o momento, exatamente no dia 21 de dezembro de 2012, em que nenhum dia seria como antes. Talvez se pense que isso é muito especulativo, e talvez seja. Talvez se pense que o tempo logo o dirá! Além disso, essas mudanças no tempo dependem de muitos fatores. Mas talvez explicações e esclarecimentos já pudessem, mesmo que de forma velada, fornecer alguma compreensão a esse respeito.

MAIAS Alguns fatos. Se, hoje, os descendentes mexicanos de Iucatã e da Guatemala são chamados de maias, é simplesmente porque esse nome foi-lhes dado indiscriminadamente pelos espanhóis. Eles não têm relação alguma com o calendário das profecias. Os maias originais, ou melhor, *maiab*, vinham dos topos dos Andes, uma indicação simbólica mas não menos real de outro reino. Essas palavras referem-se a um tempo diferente e a uma consciência diferente. O nome maia ou *maiab* significa indivíduo ou poucos.

Depois de ter desaparecido, alternadamente, duas vezes no fogo e duas vezes na água, segue-se a quinta transição, desencadeada pelo fogo

Era a época em que, como é dito em nossa filosofia, os deuses trabalhavam para os homens e, mais tarde, com os homens.

Naquela época muito longínqua, a sabedoria desses grandes ensinava que o mundo acabaria aproximadamente em nossos dias, pelo fogo, ou seja, se consumiria.

O mundo, depois de ter desaparecido, alternadamente, duas vezes no fogo e duas vezes na água – o que contam diversas histórias da gênese da humanidade – entra hoje numa quinta transição desencadeada pelo fogo, pelo menos no início. Essa transição ou elevação da humanidade – pelo menos de acordo com os maias originais – não seria automática, mas dependeria da consciência dos seres humanos, dependeria do poder de sua consciência de expressar uma força espiritual superior.

A manifestação inteira remete a uma energia que opera em graus variados. A esse respeito, a ciência oficial limita-se ao universo exterior, mesmo que aí também pareça ocorrer certa mudança. Os esotéricos fundamentam suas considerações na existência de numerosos universos de onde emanam forças propulsoras por detrás das aparências exteriores.

O ensinamento da filosofia e da cosmologia dos rosacruzes fala de sete universos onde as forças espirituais manifestam-se de maneira centrífuga. O "interior" exprime-se no "exterior" em diversas fases. Isso quer dizer que durante a evolução contínua e progressiva

da humanidade, uma força energética superior, que pertence a outra dimensão, penetra e influencia a estrutura atômica atual. Talvez seja melhor dizer que essa força "se manifesta do interior" e isso no nível etérico; e que, na mesma medida, a quinta propriedade ou função do átomo está outra vez ativa no tempo. Consideramos que essa quinta energia liberada é uma energia elétrica, é o éter ígneo que vem depois dos quatro éteres conhecidos: éter químico, éter vital, éter luminoso e éter mental. É uma manifestação crescente em nossa época, descrita, por exemplo, na Bíblia como "fogo", e que já discutimos muito em nossos círculos, também entendida atualmente como força.

Porém essa quinta força atômica já não é material. De fato ela matiza e determina a estrutura material do átomo, que poderia ser seu portador – se a transmutasse. Mas esse simplesmente não é o caso, pois as forças astrais naturais determinam inclusive o comportamento humano. De fato, elas determinam toda a nossa vida. E reagimos a isso com uma escala multicolorida de sentimentos e emoções, pensamentos e ações.

A FORÇA ÍGNEA Nesse labirinto, de repente aparece e se faz ouvir a nova força ígnea, também chamada de éter da alma, de portador da alma, da nova alma. Mediante processos cósmicos na atmosfera, essa força e outras

reúnem-se e tornam-se ativas. Nesse processo, muitos véus são removidos, e o ser humano é confrontado com várias mudanças planetárias. Elas exigem que respondamos ativa e positivamente aos novos fatores anímicos. Podemos mergulhar nesses benefícios e, se possível, elevar a humanidade a um plano superior. Não é à toa que em nossa época existe uma escola espiritual, um instrumento da Fraternidade, que sempre intervém em momentos-chave da história mundial e desempenha um papel essencial. Seus participantes podem agir como colaboradores da Fraternidade da Luz.

Aquarius tornará tudo possível, como frequentemente é dito, em especial a unidade, a franqueza, a igualdade e a liberdade. Mas isso é verdade? Não seria esta manifestação de *Aquarius* somente uma sombra por detrás da verdadeira força espiritual intercósmica propulsora do cântaro de água viva?

Não é esta energia que eleva a consciência de seres humanos capazes e receptivos a um nível superior?

Nos tempos vindouros a tônica já não estará na esfera material, mas sim na esfera etérica. O homem etérico é o homem de amanhã. E nossa consciência deve evoluir progressivamente nessa direção. A mudança da consciência modifica a nova atividade etérica. Quando falamos do éter ígneo devemos compreendê-lo como a quinta manifestação não-material

do átomo. Para nós, isso representa o material de construção da nova alma. O que para muitos talvez ainda pareça ficção científica converte-se em realidade científica.

UMA NOVA DIMENSÃO Numa escola espiritual trata-se de nada menos que da realidade do novo homem. É necessário então que obtenhamos uma clara compreensão de uma nova dimensão que estimula uma nova vida da alma. Liberdade e igualdade serão necessariamente as conseqüências lógicas da nova ordem mundial. E não poderia ser de outra forma. O impacto desses desenvolvimentos no mundo material também causará muitas mudanças. Tomemos o seguinte como exemplo: por ter a orientação do corpo etérico positiva, a mulher será encorajada pelas forças atmosféricas a ocupar postos de liderança.

De todos os executivos, inclusive gerentes e supervisores, 27 por cento são mulheres. E esse quadro continuará a aumentar.

Por isso, é essencial que a mulher, que agora está com o vento a seu favor, desempenhe sua vocação de “Eva”, de “mãe das almas viventes”, ou seja, que ela possa ver e realizar a manifestação feminina do ser-alma original. A sra. Catharose de Petri diz a esse respeito no capítulo 46 do livro *O Verbo Vivente*: “Sem as sacerdotisas no processo de elevação, não há colheita de almas libertas”. E sobre as comunidades do passado, diz mais adiante: “É preciso

reconhecer que o grande sucesso dos essênios, dos maniqueus, dos cátaros e dos Siddha devia-se aos membros femininos dessas ordens”. O homem possui, no sentido universal, o impulso da manifestação, mas só pode realizá-la apoiado pela atividade plena de amor da mulher. Por isso, dentro da escola espiritual, uma boa cooperação dos dois não é apenas natural, mas essencial.

A consciência humana depende dos éteres que preenchem as sete cavidades cerebrais.

Esses éteres ou são desta natureza ou são éteres santificadores, ou seja, ou animam uma consciência puramente biológica ou são a expressão de uma consciência alma-espírito nascente. Trata-se, portanto, de como agimos e vivemos. Olhe bem ao seu redor, mas sobretudo para você mesmo. O caminho da alma leva à eternidade, o caminho da personalidade ao que é finito. A escolha não parece difícil, mas como isso funciona na prática?

O ESPAÇO VITAL A atmosfera será cada vez mais determinada pela ação dos éteres, e como resultado o processo de respiração começará a mudar, tornando-se mais condutor, mais magnético. Ao invés de inspirar simplesmente ar pelos pulmões, inalaremos cada vez mais éteres puros, dos quais necessitamos para o progresso e a elevação de nossa consciência. Portanto, o espaço vital mudará e será mais premente.

Por isso é dito que o mundo perecerá pelo fogo, o que significa que ele submergirá no éter ígneo. Quem não puder vibrar em harmonia literalmente sufocará, pois todo o espaço vital será preenchido pela atividade dos puros éteres superiores.

O quinto éter é o éter da alma, o portador do corpo-alma. O sexto éter permite que o corpo-alma se eleve conscientemente no novo campo de vida. O sétimo éter ocupa-se em assegurar que o corpo-alma se liberte perfeitamente de todos os laços terrenos.

Os pesquisadores esotéricos encontraram previsões desse período na pirâmide de Quéops. Esse período é mencionado na Bíblia como o “reino dos mil anos” e refere-se ao período da humanidade em que todos os etericamente qualificados deixarão este mundo material e serão elevados à aurora da ressurreição, a um outro e novo reino.

Eles alcançarão uma nova esfera, a próxima esfera da cadeia sétupla terrestre. A ficção torna-se, então, realidade, e o homem alma-espírito pode trilhar o caminho de evolução. Esse é um processo magnético, o resultado de um comportamento totalmente diferente, baseado em valores etéricos purificadores e santificadores, um processo para pessoas que, com base em um coração puro e verdadeiramente anelante por luz e vida libertadoras, elevam-se em auto-rendição, em verdadeira transcendência ✨

O Verbo Vivente

Catharose de Petri

Letras dispostas em
certa seqüência
criam a palavra escrita.

A palavra somente
se torna viva
quando é portadora
da força da Gnosis.



R\$43,00

Editora Lectorium Rosicrucianum
Caixa Postal 39 - 13.240-000 - Jarinu - SP - Brasil
Tel. (11) 3061.0904 - (11) 4016.1817 - fax (11) 4016.5638
www.lectoriumrosicrucianum.org.br
info@lectoriumrosicrucianum.org.br



O impulso por renascimento torna-se realidade
mediante completa preparação interior
e desprendimento deste mundo.

Conforme as palavras iniciais do Sermão da Montanha:

“Bem-aventurados os pobres de espírito,
porque deles é o reino dos céus”.

Dessa nostalgia surge a prece:

“Preparei-me, libertei minha alma da ilusão do mundo.

Deixa-me agora compreender o renascimento”.

Quem, do mais profundo de seu ser,
abre os portais dos mistérios de Deus
ouvirá a palavra do renascimento secreto,
pois o secreto nada mais é que o próprio reino dos céus.

O ouvido interior se abrirá
para compreender a palavra secreta.

ISSN 1677-2253



R\$ 12,00

9 771677 225003